

Stadium

N.º 85 ★ 19 DE JULHO DE 1944

NOS CAMPEONATOS DE JUNIORES

A beleza do atletismo focada neste magnífico instante, pelo qual foi fixado o melhor momento de uma passagem dos obstáculos na prova de 83 metros barreiras. Salvador Camões, do Sporting, vencedor desta competição, é o segundo a contar da esquerda

(Foto Nunes de Almeida)



NÊSTE NÚMERO:

Veja a terceira das nossas reportagens gráficas, sobre o *Clube de Futebol "Os Belenenses"*, acompanhada da respectiva *trícromia*

1550

OS ESTREANTES DO SPORTING

GANHARAM OS CAMPEONATOS DE JUNIORES
ORGANIZAÇÃO MODELAR E ASSISTÊNCIA «RECORD»

Comentários técnicos pela dr. SALAZAR CARREIRA

ESTES campeonatos regionais de juniores deixaram excelente impressão em toda a gente de boa fé.

Não pode escrever-se que os resultados tenham sido excepcionais, mas a luta foi sempre empolgante e leal e os organizadores da Associação conseguiram, nas duas jornadas, apresentar ao público organizações modelares, tanto no campo como no pormenor de informação, tanto no escrupuloso respeito das normas regulamentares como no ritmo ininterrupto e acelerado da sequência das provas.

Houve um único capítulo em que o rigor do trabalho claudicou: foi no registro das cronometragens, que nem sempre corresponderam à verdade das distâncias que separavam os corredores. Duas hipóteses se aceitam: algumas mãos não possuem a rapidez de reflexa necessária ou alguns relógios não regulam convenientemente. O problema precisa de ser imediatamente estudado, para pronta correcção.

Temos a impressão de que o atletismo, confiando a pessoas animadas do melhor desejo de servir, e não de se servirem, encontrou o seu caminho definitivo. O público adquiriu inteira confiança nos dirigentes das organizações e o ambiente perdeu tudo quanto tinha de antipático e fúcido, para conservar intacta a sua paixão clubista e o seu entusiasmo de interesse.

O sr. Director Geral de Desportos, que colocou na primeira linha do seu plano de realizações a reforma necessária ao progresso e prestígio do atletismo, assistiu a esta segunda jornada e deve ter colhido elementos de agrado que o animam a prosseguir no esforço a que o meio desportivo se mostra, assim, apto a prestar na colaboração ao alcance dos seus recursos.

Os campeonatos regionais de juniores, para os quais se haviam inscrito 212 atletas, tiveram o concurso de 120 de entre eles, sendo 6 do Belenenses, 7 do Casa Pia, 10 do Atlético, 42 do Benfica, 40 do Sporting e 14 do Internacional. A prova que reuniu maior número de participantes foi a corrida de 150 metros, e a menos concorrida a de saltos à vara, com 6 únicas presenças.

O Sporting, continuando a sua afirmação de ressurgimento, triunfou agora com esmagadora margem de pontos, pois somou tantos como todos os restantes competidores: 67, mais 29 do que o seu grande rival Benfica e mais 45 do que o seu outro mais antigo antagonista, o Internacional.

O mais animador e característico da vitória leonina, porque traduz os resultados do trabalho em profundidade, desenvolvido durante dez meses consecutivos, é que ela foi alcançada com o desfalque quase completo de todos os seus juniores e graças ao valor dos seus estreatantes, que conquistaram 43 dos pontos alcançados pela equipa.

O Sporting classificou 8 estreatantes, 1 principiante e 8 juniores; os primeiros credita-

ram-se em 4 títulos, o principiante ganhou 3 pontos e os juniores, de facto, 21 pontos.

A representação leonina, fortíssima em corridas, as quais ganhou todas, com excepção de duas estafetas — uma das quais por desastre —, alcançou ainda dois segundos lugares nos saltos e uma vitória no lançamento do disco; apenas não classificou representantes seus, dentro dos lugares pontuados, no salto à vara e nos lançamentos do peso e do dardo.

O Benfica, a outra equipa que pode considerar-se completa, não contou pontos nos 89 metros, nos 3000 metros e no salto em altura.

A título apenas de curiosidade, e porque o assunto anda muito justamente em alvitre corrente, vamos indicar a pontuação para o caso da contagem ter sido extensiva aos cinco finalistas de cada prova, e atribuídos respectivamente 8, 6, 4, 2 e 1 pontos: Sporting 146 p., Benfica 94 p., Internacional 49 p., Casa Pia 12 p., Belenenses e Atlético 4 pontos.

Resultados das corridas

Contra o que é de norma no Estádio do Lumiar, o vento soprava bastante forte no domingo, de sul para norte, prejudicando os corredores de velocidade e os restantes na parte final e mais difícil do seu percurso. Do facto se ressentiram as marcas verificadas e por ele foram especialmente prejudicados os corredores mais franzinos e mais leves.

A pista mostrou-se novamente excelente: é, sem dúvida, a primeira de momento no País e com sincera alegria — que supomos será partilhada por todos os bons e leais amigos do atletismo — anunciamos estar assente o seu alargamento de maneira a comportar seis corredores, dentro de um plano de beneficiação do seu estádio, que a direcção do Sporting tem concluído e ao qual em breve começará a dar início.

A prova de 80 metros comportou 5 eliminatórias, corridas no momento de mais intensa ventania e, por coincidência, todas ganhadas em 9,9 s.; as duas meias finais correram-se em 9,6 e 9,7 s., desaparecendo na primeira um dos favoritos, o benfiquista Mendonça, a quem Camões bateu, mercê do auxílio nas circunstâncias da prova, pelo seu maior peso.

A final classificou três sportinguistas. Machado, Silveira a mais de 1 metro e Camões a mais de meio metro, mas com Homero e Araújo quasi na mesma linha. O tempo, 9,2 s., não é famoso, mas aumenta de valor se considerarmos a oposição do vento durante todo o percurso.

Jorge Machado confirmou o juízo que a seu respeito já formulámos: é um corredor de velocidade que há-de fazer carreira. Não tenha pressa, porque o exito na vida de um desportista não é função de velocidade — mesmo quando se trata de um «sprinter»...

O estilo é apreciável e possui óptima mecânica no gesto de chegada.

Joachim Silveira, menos possante, é extraordinariamente rápido e impressiona pela alegria do esforço. Precisa muito de trabalho no ginásio, para adquirir peso e poder muscular.

Sebastião Camões é futuro especialista de maiores distâncias; tem lenta reflexa de partida, mas um final de prova dominador, que lhe dá para recuperar muito do que perdeu ao começo.

A corrida dos 300 metros deu lugar, na final, a empolgante duelo entre os sportinguistas Colaço e Dias, que vieram ombro a ombro até trinta metros da meta, cedendo então o segundo ante a autoridade com que o primeiro mantinha o seu ligeiro avanço. Se não fossem os dois do mesmo clube, era caso para todos os espectadores se porem de pé na bancada. Os tempos dos dois homens, 37,8 e 38,2 s.,

são inferiores aos dos principiantes, mas a grande culpa continua a ser do vento.

José Meireles, o terceiro da prova, defendeu-se bem mas ficou longe do grande duelo dos vencedores. Uma citação para Menezes, que tem boa pinta de corredor.

Na corrida de barreiras repetiu-se, embora com menos severidade, o percalço do favorito. Tendo conseguido na sua eliminatória 13 s., o «leão» Fernando Barbosa comandava destacado a final quando tropeçou na quinta barreira, se desequilibrou, falhou os passos de balanço para a seguinte — e parecia perdido, quando encontrou em si energia de reacção que lhe permitiu recuperar e cortar ainda a meta em segundo lugar. Era, de longe, o melhor do escasso lote, mas precisa de dominar as precipitações (uma corrida de barreiras é um trabalho de calma preciso) e evitar também de razer tanto o obstáculo com a perna da frente.

Sebastião Camões, o vencedor, tem reais condições físicas para a especialidade, mas o estilo é ainda rudimentar. Outro discípulo para mestre Palhares.

Como não podia deixar de ser, o Sporting ganhou a estafeta de velocidade, mas a recepção e transmissão do seu terceiro homem, Silveira, foram péssimas e podiam ter comprometido o resultado, se os adversários fossem de valor mais forte.

O Benfica repetiu na estafeta de meio-fundo o êxito do torneio de principiantes; foi, de novo, uma agradável vitória da inteligência tática. Os homens do Sporting esqueceram que o objectivo de um percurso em estafeta não é o mesmo de um percurso em linha; cada um não pode contentar-se com a sua prova, pois precisa de contar com as condições de prova dos companheiros seguintes.

Fora do programa, José Vicente, do Carcavelos, tentou com êxito melhorar o mínimo dos 700 metros para a categoria de principiantes, fixando-o em 1 m. 49,4 s.; cuidado com ele nos futuros 800 metros.

Os resultados dos concursos

Os saltadores à vara, com vento pela prôa na corrida preparatória, fizeram fracos resultados; Santos Vieira, o vencedor, não foi além de 3^m.10, o segundo ficou em modestíssimos 2^m.90 e dois concorrentes de reconhecidos recursos não se classificaram sequer.

Em contra-partida, os saltadores em comprimento beneficiaram do vento a soprar pelas costas e fizeram, todos, os melhores resultados da sua carreira; seis homens excederam os seis metros, Homero Reis venceu por notáveis 6^m.48 e Moniz Pereira seguiu-o com bons 6^m.34.

Excluindo estes dois participantes e o benfiquista Anjos, todos os restantes pecam pelo salto demasiado rastejante e por certos meneios de pedalagem que de nada servem: o golpe de tesoura é feito com as coxas — ou é inútil. Moniz Pereira foi, a grande distância, o melhor estilista e o mais conscientemente preparado; falta-lhe velocidade e poder.

O lançamento do disco, feito contra o vento, deu lugar a surpresas (a não classificação de Homero, por exemplo) e os alcances foram fracos; os lançadores com melhor estilo ganharam, e está assim bem. Miranda e Gomes eram, sem dúvida, os mais perfeitos a atirar o disco.

Avelar e, sobretudo, Montalvão, parecem-nos bem dotados, mas desconhecem em absoluto a técnica do lançamento; o primeiro tem bom golpe de braço e o segundo utiliza apenas a força, da qual não sabe tirar proveito. Mas a classe lá está.

Aos nossos correspondentes

A nossa revista é um semanário de características especiais. Tem formato pequeno e é essencialmente gráfica. Não dispomos de muito espaço. E não podemos gastá-lo em noticiário publicado sem a indispensável oportunidade. Pedimos, por isso, aos nossos sócios correspondentes, que se adaptem às características da «Stadium». Em vez de notícia pequena, às vezes sem interesse local, é preferível que nos mandem fotografias de qualquer acontecimento.

ANO XII — Lisboa, 19 de Julho de 1944 — II SÉRIE-N.º 85

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:

T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e Impressão de NEOGRAVURA, LTD.
Composição e Impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

CAMPEONATOS NACIONAIS DE REMO

Alguns comentários às classificações do PÔRTO-VILA REAL-PÔRTO

CICLISMO

por Gil Moreira

Os campeonatos nacionais de remo tiveram, novamente, por cenário a Figueira da Foz. É um dos melhores locais para estas corridas. O estuário do Mondego é magnífico. A avenida Marginal permite acomodar bem o público, junto ao rio, em condições de poder seguir de perto a luta animada entre as diversas tripulações. E o público, especialmente o local, vibra com intensidade, acompanhando com interesse o desenrolar de todas as provas.

O reme tem, pois, excelentes tradições na linda cidade da foz do Mondego. As provas de remo despertam ali uma movimentação extraordinária, que reflete um pouco a rivalidade entre a Associação Naval 1.º de Maio e o Ginásio Club Figueirense. Há ambiente propício ao esforço valoroso das equipas. Sabe bem lutar perante o público da Figueira. Este ano, ao entusiasmo das jornadas anteriores juntou-se a animação semelhante da participação do Galitos, de Aveiro. Na sua cidade, nas águas tranquilas da ria, perante o seu público, os remadores e timoneiros aveirenses tinham vencido bem, dominando quase completamente os fortes e valorosos adversários da Figueira. Falta a contraprova... Deram-na brilhantemente nas duas jornadas das provas nacionais.

Esta é uma das notas mais curiosas a ressaltar nestes rápidos comentários. E outra é a da perfeita organização da corrida, a cargo da Naval 1.º de Maio. As provas de domingo assistiram o representante do Governo Civil do Distrito de Coimbra, comandante da Região Militar, presidente da Câmara Municipal da Figueira da Foz e diversas entidades dos oficiais do distrito e da cidade. O sábado foi aproveitado para as eliminatórias das provas mais importantes.

As dez vitórias distribuíram-se como segue: O Galitos de Aveiro ganhou as duas provas de «out-riggers» de 4. Em «seniores», na disputa da taça «Lisboa», lindo e valioso troféu que contém o melhor historial das provas nacionais de remo, tiveram o adversário mais forte na tripulação do Clube Náutico de Viana do Castelo, a quem bateram por 4 comprimentos, seguindo-se, na classificação, Naval 1.º de Maio, Grupo Desportivo da C. P. e Clube Fluvial Portuense. Os vencedores das eliminatórias tinham sido os Galitos e a C.P. O Náutico de Viana cortou as águas da Naval, na sua eliminatória. Foi, porém, mantido na prova. A final da taça Lisboa foi magnífica de movimentação e energia. No campeonato de juniores, os Galitos bateram directamente a Naval 1.º de Maio, por 7 barcos, descaindo o Fluvial Portuense em terceiro. A Naval de Lisboa não cortou a meta, não sendo por isso classificada.

A Associação Naval de Lisboa ganhou, também, duas provas. Em «out-riggers» de 8, seniores, a mais espectacular e mais difícil, em disputa da taça «Século», ganhou, por 3 comprimentos, entre o Sport Clube do Pôrto e Fluvial Portuense. Na taça C. P., em «yoles» de 4, juniores, ganha pela mesma diferença, a frente dos seguintes clubes: G. D. da Cuf, Naval 1.º de Maio e Ginásio Figueirense. As duas Navais ganharam as respectivas eliminatórias.

O Fluvial Portuense venceu, igualmente, dois campeonatos — o de «out-riggers», de 2, juniores, batendo largamente o Ginásio Figueirense, por 6 barcos; e o de «skiffs», na mesma categoria, sem adversário. O Sport Clube do Pôrto e a Naval 1.º de Maio estavam inscritos para a primeira prova, mas não concorreram.

Entre os clubes somente com um triunfo merece destaque o Clube Náutico de Viana, por haver ganho a prova de «yoles» de 8, para juniores; correu unicamente contra a Naval de Lisboa e bateu-a, muito bem, por cerca de 3 comprimentos e meio.

O Sport Clube do Pôrto venceu o campeonato de «out-riggers» de 2, seniores, apenas com um comprimento de diferença sobre o Ginásio Figueirense. A Naval 1.º de Maio e o Fluvial Portuense, que também entraram na

classificação geral da prova Pôrto-Vila-Real-Pôrto provocou basta discussão entre os delegados dos clubes concorrentes e originou, também, um protesto do Salgueiros, que não se conformou com a vitória dada ao corredor Jorge Moreira.

Nós, que não assistimos à prova, fomos interrogados acerca da legitimidade desse triunfo, perguntando-nos pessoas amigas, do Pôrto, se as classificações haviam ou não sido bem adjudicadas.

Como já foi publicado, Império dos Santos venceu a tirada Pôrto-Vila Real, classificando-se em segundo lugar o «portuense» Jorge Moreira, no mesmo tempo do vencedor. Na «etapa» Vila Real-Porto triunfou Jorge Moreira, seguido de Império, também dentro do mesmo tempo.

O júri deu a vitória a Jorge Moreira, baseado, para desempatar, na ordem da inscrição. Mas o Salgueiros, argumentando que nas provas por «etapas» o vencedor que vista a camisola amarela, não é desaposado dessa indumentária simbólica enquanto chegar no pelotão dos primeiros, alega que o triunfo pertence a Império — e, como tal, protestou.

Devemos dizer desde já que nem o júri nem o clube «encarnado» nortenho têm razão. No Porto-Vila Real-Porto, de 1944, não houve um vencedor — mas dois: Império e Moreira classificaram-se «ex-aequo» porque chegaram ao final da prova empatados com o mesmo tempo e igual número de pontos, únicos elementos que constavam do regulamento da corrida para classificação dos concorrentes e que têm valor desportivo para constituírem base para a ordenação da escala de valores na corrida. Porque essa fórmula de classificar estradistas pela ordem de inscrição, adoptada entre nós, é um absurdo, e pode comparar-se ao processo de tentar saber quem é melhor corredor, pela altura ou comprimento dos pés...

Mas expliquemos porque devem classificar-se Império e Moreira «ex-aequo», tal como sucedeu a Archambaud e Level, num dos últimos Paris-St. Etienne, a Le Grevé e Lapebie, no circuito de Paris de 33 ou 34, e até a Trindade e Filipe de Melo, no circuito das Beiras.

O Porto-Vila Real-Porto, é uma corrida com duas «etapas» distintas, e tão distintas que até se fez sorteio para os carros de apoio na primeira e segunda tirada.

Dizia o regulamento que as classificações individuais e por equipas se fazem pela soma de melhores tempos e com os dois corredores mais bem classificados. Ora Império e Moreira totalizaram, no fim das duas «etapas», 8 h e 11 m. de corrida e 3 pontos cada (1.º e 2.º lugar). Quere dizer: igualaram-se em valor atlético e mérito desportivo. Portanto, classificaram-se «dead-heat» como prevê o Regulamento Internacional de Corridas, no artigo 45.º. Da mesma maneira, o prémio instituído para o vencedor deve ser dividido pelos corredores em situação

prova, não chegaram a cortar a meta.

Ao Clube Naval de Lisboa coube renovar a sua vitória no campeonato nacional de «skiffs» de seniores, por intermédio de António Ferro. O concorrente dos Galitos chegou com muito atraso. E o barco do Ginásio Figueirense não cortou a meta.

A distribuição dos prémios teve lugar no próprio domingo, à noite.

de «dead-heat». E para a classificação das equipas no caso de o factor tempo não definir posições e ser necessário recorrer à pontuação obtida, o número de pontos a atribuir dos corredores empatados é o correspondente à divisão do total conquistado por todos os corredores «dead-heat», dividido pelo mesmo lote de concorrentes (artigo 47.º).

E que a ordem de inscrição numérica deverá servir para definir classificações, di-lo o artigo 15.º, e seus parágrafos, onde se lê, entre outras regras, as seguintes: «Os organizadores não poderão, por nenhuma forma, beneficiar a inscrição de qualquer classe ou categoria de corredores». Portanto, se não pode haver facilidades da parte dos organizadores, no que respecta a inscrição, e essas facilidades podem ser reserva de números mais baixos para determinados concorrentes — como é que se definem classificações baseadas nessas possíveis facilidades?

Mas há ainda mais argumentos — como se estes não bastassem — a justificar que o vencedor da prova foi o duo Império-Moreira. Na tirada para Vila Real, Aniceto classificou-se em 6.º lugar, mas no regresso fez 3.º. Rebelo foi 4.º em ambas as «etapas».

Resultado lógico obtido pelo júri: Rebelo com um total de 8 pontos—4+4—ficou à frente de Aniceto, que totalizou 9 pontos—3+6. Ora, se para estes dois homens adoptaram o critério de somar pontos, não curando de saber quem tenha chegado à frente na última tirada,—para que seguiram processo diferente para os vencedores?

Não têm, também, consistência os argumentos apresentados pelo Salgueiros, quando se refere à camisola amarela das voltas, porque essa veste simbólica só não muda de possuidor enquanto persistir empate, quere dizer, enquanto o homem que detem a camisola não for batido com mais nitidez — relegado para lugares secundários — pelos adversários que ele venceu para conquistar o almejado «jersey».

Portanto, assente-se nisto: desportiva e regulamentarmente, a classificação do Porto-Vila Real-Porto deve ficar ordenada como segue: 1.º Império-Moreira, com 8 h. 11 m., 3.º Rebelo, 4.º Aniceto, etc.



Nos desportos

para manter as forças durante um esforço e refazer-se rapidamente da fadiga, deverão recorrer sempre à Ovomaltine. Alto valor nutritivo, preparação simples com leite, chá ou água, quentes ou frios, de extrema digestibilidade. É o reconstituinte sonhado pelo desportista.



E UM PRODUTO WANDER

Não vêr não impede que se faça gymnástica!

Notas de uma visita ao Asilo
Antônio Feliciano de Castilho

QUEM assiste à classe não pode evitar um sentimento de emoção e ternura. As pequenas executam com alegria o seu esquema de lição, ouvindo atentamente as instruções da professora, procurando com a mão o ombro da companheira da frente cada vez que lhe é indicada a necessidade de corrigir o alinhamento ou medir a distância.

Aquelles olhos sem luz, de estranha fixidez, miram em frente, onde estamos, mas não nos podem vêr!...

Para cada uma daquelas raparigas o mundo exterior não tem dimensões nem cor, a relatividade é abstracta e as coisas são o que a sua idéa determina...

No entanto, a lição prossegue com a regularidade de uma classe normal, em ritmo certo e perfeita harmonia de movimentos. Os exercícios sucedem-se e o a-vontade das alunas impressiona: porque se viram para a esquerda ou para a di-



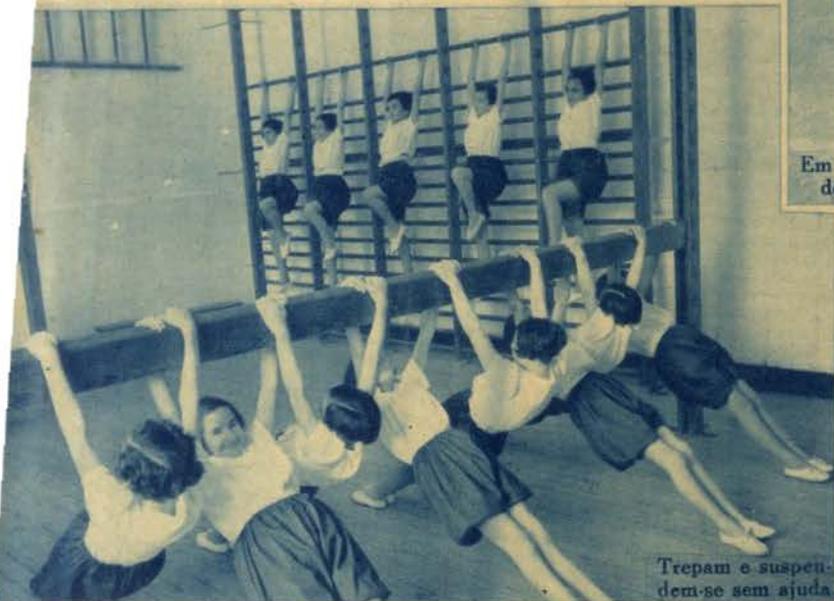
Em exercícios cheios de harmonia...

ção sorridente, ânimo alacre e vivacidade feliz. São alegres, os cegos — e ainda bem que Deus lhes oferece essa compensação à sua noite perpétua.

As educandas do Asilo Feliciano de Castilho consideram o tempo de gymnástica a sua melhor obrigação — uma obrigação que aliás procuram voluntariamente.

Dispõem de um pequeno ginásio, apetrechado com espaldares e traves, onde trepam e se suspendem com a maior facilidade e sem necessidade da ajuda de ninguém. Possuindo extraordinário sentido de posição e conhecedoras da arrumação da sala, dirigem-se resolutamente, à voz de romando, para cada aparelho e cumprem sem hesitações os exercícios anunciados.

(Continua na pág.15)



Trepam e suspendem-se sem ajuda

reita, quando é preciso, formam xadrez ou se dispõem em roda, marcham desembaraçadamente, a mão de cada uma apoiada no ombro da gymnasta que a antecede, tôdas na cola de uma guia cujos olhos apercebem uma nesga de imagens.

Os cegos também fazem gymnástica! Fomos procurar a prova no Asilo Antônio Feliciano de Castilho, lá para as bandas de Campo de Ourique — e a verdade, a comovedora verdade, deixou bem vincada impressão no espirito do jornalista visitante.

Tínham-nos falado das classes que funcionavam regularmente no asilo e referido com entusiasmo exhibições em festas ali organizadas; quizemos vêr, para melhor julgar ante a evidência dos factos.

Nós, os que temos a felicidade inegalável de conhecer a alegria da luz e o encanto das côres, supomos muito naturalmente — julgando por nós próprios, em circunstâncias idênticas — que a perda da vista mergulha também a alma em escura tristeza. Sem claridade, não conhecemos alegria.

Eis porque nos surpreende sempre encontrar nos que não vêem dispo-



...e de execução impecável



Mãos dadas, prestes a fechar a roda



Procurando o ombro



HIPISMO

A "FOSSETTE" NÃO VOLTA A SALTAR!!

*Dezasseis anos de triunfos
ouvindo trovoadas de aplausos*

O desaparecimento da «Fossette» dos nossos campos de obstáculos provocou, como facilmente se justifica, curiosa expectativa entre aqueles que freqüentam as provas hípcas e também entre quantos se interessam por tão belo desporto.

E' que a «Fossette» viu certo dia o seu nome aureolado de popularidade pouco vulgar, graças à sua categoria e, sobretudo, à lista infindável de triunfos que formam o seu notável «palmarés».

Depois do desaparecimento do «Hebraico» — o popular cavalo, de classe extraordinária, com que José Mousinho concorreu às Olimpíadas de 1942 e com o qual ganhou o título de campeão dos Campeões Olímpicos, em Fontainebleau — e da morte do «Marco Visconti», cavalo de invulgar categoria, que proporcionou a Luens Ferraz grande série de vitórias, a «Fossette» ocupou lugar de relêvo nos nossos hipódromos, sendo muito justamente considerada como animal de reconhecido valor.

Era popular, a «Fossette»? Quando a cancela se abria e a égua entrava na pista, para saltar, no seu trote gracioso, reinava sempre na assistência um silêncio impressionante. Que iria ela fazer? Conseguiria o triunfo?

E isto, que se passava com freqüência nos hipódromos nacionais, começou a verificar-se também no estrangeiro quando, integrada no grupo de montadas das equipas representativas de Portugal, levou além-fronteiras a sua fama e o seu valor.

Tem a «Fossette» a sua história — e é esta que vamos procurar contar, para que seja conhecida e, sobretudo, para desfazer certas dúvidas que existem acerca da sua venda condicional, feita em Madrid, após o Concurso Hípico Internacional ali

realizado em Maio último.

seus primeiros anos ao capitão José Beltrão, que obteve com ela alguns dos mais valiosos triunfos de cavaleiro concursista. Mais tarde mudou de dono; foi comprada pelo coronel Mousinho de Albuquerque e passou a ser montada pelo capitão José Carvalhosa, continuando os seus êxitos e a avolumar a lista brilhante dos seus triunfos. Foi a Nice, foi a Roma, foi inúmeras vezes a Madrid — e inúmeras vezes, também, fez subir, nos mastros de honra, a bandeira de Portugal.

Na época hípcica de 1939 a «Fossette» ocupou o 3.º lugar na lista dos cavalos mais classificados, com 4.750\$00; em 1940 foi o 5.º, com 2.800\$00; em 1941 o 2.º, com 3.100\$00; em 1942 o 3.º, com 2.250\$00; e no ano seguinte o 2.º, com 5.456\$00.

Durante as provas do Concurso Hípico do ano passado viu-a fazer percursos emocionantes, entre os quais dois, no decorrer da disputa da «Taça de Ouro da Península». Três dias depois era a «Fossette» a vencedora da «Taça de Honras», com o último salto a 1.º 95 («record» nacional).

Já com dezasseis anos e no início, portanto, da sua curra descendente, ainda este ano foi a Espanha; se a sua acção não foi dos mais brilhantes, arrancou no entanto um 4.º e um 5.º prémios, num Concurso onde abundavam os cavalos de categoria.

Ninguém melhor do que o capitão José Carvalhosa nos poderia elucidar acerca da venda da «Fossette».

Foi este oficial quem negociou a venda da égua, consoante as ordens que recebera do proprietário. Por isso o ouvimos com interesse.

Eis o que José Carvalhosa nos contou:

A «Fossette», se tinha nomeada no nosso país, também gosava de boa fama em Espanha. No começo do Concurso Hípico de Madrid um oficial do Exército Espanhol propôs a compra da égua.

Seguindo as instruções que ali chegaram, idas de Lisboa, o capitão Carvalhosa estabeleceu preço e, uma vez chegados a acôrdo, fez-se a venda, venda condicional, sujeita às determinações dos dois governos no que dizia respeito à importação e exportação de cavalos.

Foram passados os recibos nestas condições e, findo o Concurso, a nossa equipa regressou a Lisboa, deixando ficar a «Fossette» em Madrid.

Uma vez chegado a Lisboa, o capitão José Carvalhosa foi informado de que a Direcção Geral dos Serviços Pecuários determinara não permitir a exportação de éguas e que, portanto, a venda teria de ser anulada, o que se fez, visto todas as negociações terem sido feitas, como dissemos, condicionalmente. Pediu-se para Espanha o envio da «Fossette», juntamente com os cavalos espanhóis que vinham a Portugal disputar as provas do nosso Concurso, o que contudo não se verificou... Devido a isso, a égua não entrou, pela última vez, no nosso hipódromo — e dizemos pela última vez porque o Estado, seu novo proprietário, a vai enviar para a Fonte Boa, para reprodução.

É esta a história da «Fossette» — história vivida em 16 anos triunfantes!

Antas Teixeira



No Parque de Santa Marta, na Ericeira, vai ser inaugurado um «rink» de patinagem e construir-se uma piscina

RAMALHO Ortigão, na sua obra «Caldas e Águas Mincerias», diz-nos que «em todos os estabelecimentos de banhos se tem em vista distrair alegremente o doente. Para este fim, a primeira coisa que se organiza é um club para os banhistas».

«Na sociedade das terras d'águas estrangeiras, em Baden, em Wis-Baden, em Spa, em Ems, em Hamburgo, o club representa um papel importante e dá a feição mais saliente da vida local durante a estação balnearia».

«Um simples serviço de *sandwichs*, manteiga fresca e chá, sobre uma mesa com toalha branca, onde se vai encher a chávena e comer de pé. Depois, sobre espaço de terreno devoluto e nivelado, um jogo, por exemplo, o «nobre e sábio *cricket*, como a esse jogo chamava o sr. Jules Simon, ministro da Instrução Pública de França, a propósito dos elementos que se deviam introduzir na educação física dos liceus».

Isto em 1875, no estrangeiro, quando as modalidades desportivas eram em quantidades restritas. No nosso País, nessa época, as praias estavam entregues a concelismo primitivo, ainda não de todo banido — onde parecia mal apresentar fato ligeiro, que deixasse ver um pouco mais de plástica...

Agora meia dúzia de estâncias termas, as outras parece terem cristalizado, comprando essa época focada pelo grande Ramalho, nas suas magníficas páginas, com o que hoje ali se verifica.

Próximo de Lisboa, são o Estoril e a Ericeira os mais atamadas estâncias balneario-termas, aquela com obra grandiosa já efectuada, que dignifica o País, com visão nitida de que o desporto deve caminhar par e passo com o desenvolvimento da estância.

«Stadium»

além fronteiras

ATLETISMO — Nos campeonatos regionais celebrados em Munich, o campeão alemão Karl Storch, no decurso das eliminatórias da prova de martelo, obteve a marca de 52,69 metros num dos lançamentos que efectuou.

— Num torneio realizado há pouco, na cidade de Roski (Dinamarca), a equipa do K. L. F., de Copenhaga, estabeleceu novo «recorde» de 4 x 800 metros, fazendo a prova em 2m. 54 s. O anterior máximo era de 8 minutos exactos.

BOXE — Max Baer, que em 1934 foi campeão do Mundo dos «pesados», arrebatando o título ao italiano Primo Carnera, anunciou publicamente a sua decisão de dar por concluída a carreira. Uma antiga lesão no braço esquerdo, sofrida durante um treino, deve ter abreviado esta resolução do famoso pugilista.

— No «Stadium», em Liverpool, e na presença de 10.000 pessoas, que o aclamaram entusiasticamente, o campeão Joe Louis fez uma exibição contra o seu treinador George Nicholson.

— Num reunião celebrada recentemente em Pontypool (Iuglaterra), o campeão de Galles, Norman Lewis, venceu facilmente, por pontos, Johnny Summers, de Edimburgo. O seu próximo combate será contra Mickey Talbot, no dia 8 de Agosto.

FUTEBOL — O interior José María Torenio, do conhecido clube River Plate, seguiu de avião para o México, contratado pelo «Espanha». Este jogador era tido como dos melhores que o futebol argentino possuía e foi várias vezes internacional. Tornou-se, assim, mais alarmante o êxodo dos jogadores sul-americanos para o México, para onde são atraídos por importantes somas. E como o organismo dirigente do futebol mexicano, denominado «Liga Mayor», não está filiado na F. I. F. A., não é possível remediar o mal.

— Na vizinha Espanha, os clubes continuam com entusiasmo a pensar nas suas equipas para a próxima temporada, anunciando-se transferências de jogadores e treinadores, mais algumas renunciações. Eis algumas: o guarda-redes Sanchez passou do Ceita para o Sabadell; Teo e Casanova, que eram do «Mediodia», formaram a asa direita do Malaga; e Trias, guarda-redes do «Espanhol», foi cedido ao Murcia.

HIPISMO — O cavalo «Borealis», que não participou das primeiras provas clássicas disputadas em Londres, aparece agora como grande favorito da corrida «Saint Leger», com a cotação de 6 contra 1. Seguem-se-lhe «Ocean Swell» e «Tcheran», que obtiveram, respectivamente, os 1.º e 2.º lugares do mesmo «Derby».

NATAÇÃO — A popular nadadora dinamarquesa Eisa Andersen fez a travessia Laland-Sealand, na distância de 52 quilómetros, em 24 horas e 30 minutos.

A Estância de Santa Marta, da Ericeira, também não descarta a organização de distrações para os aquistas que preferem aquela localidade na época da canícula. Assim, por vezes, o Santa Marta Sport Clube pratica ali patinagem, «tennis», «volley-ball», «golf», etc., se não com resultados que marquem no meio desportivo, pelo menos por forma a proporcionar aos seus frequentadores momentos de belo prazer espiritual.

Sempre no desejo de fazer mais e melhor, vai ser ali inaugurado um «rink» de patinagem, melhoramento cuja efectivação é desnecessário encarecer.

Interessante seria ouvir o director da Estância de Santa Marta, sr. tenente-coronel Sá da Costa, pessoa amabilíssima, dinâmica, de espírito rasgado e sempre pronta a acarinhá-las todas as sugestões que até si chegam, tendentes a engrandecer a Ericeira.

Pôsto ao corrente do motivo que nos levára à sua presença, declara:

— A iniciativa de um campo com as medidas regulamentares, em substituição de um recinto já existente, há muito que estava em projecto, mas a falta de materiais foi protelando a sua realização. Agora, removidos, em parte, essas dificuldades, é um facto o «rink» de patinagem, praticamente já concluído.

— Pode dar-nos informações sobre esse melhoramento?

— De bom grado. Dir-lhe-ei que o projecto é da autoria do meu sobrinho, o arquitecto Sá da Costa, sobre cujas qualidades de trabalho não me devo manifestar. O «rink» deve ser ladeado por bancadas que proporcionam aos espectadores um meio cómodo de assistirem as provas. Serão construídos dois pavilhões leterais, destinados, um, a instalação de vestiários, chuveiro e lavabos para cavalheiros, enquanto o outro se destina também a vestiário, arrecadação de utensílios e lavabo para senhoras, com entrada pelo exterior.

Num desabafo, o sr. tenente-coronel Sá da Costa diz-nos:

— Há que acompanhar o progresso, proporcionando aos aquistas meios práticos para robustecerem o organismo. A par do ar sadio da praia, terão no Parque da Estância campos atléticos, onde os músculos são chamados à actividade, mantendo vigor que só o desporto sabe proporcionar.

Aproveitando a fluência do nosso entrevistado, perguntamos:

— Dentro dêsse critério, teremos mais melhoramentos no Parque de Santa Marta?

— Sim. Tantas quantos permitam as nossas possibilidades. Tornada esta aspiração em realidade, vamos encaminhar os nossos trabalhos no sentido de ali se construir uma piscina. Não poderá ser um facto dentro de curto espaço de tempo; no entanto...

— ...no entanto, dispõe-se a dotar a Ericeira com esse melhoramento?

— Sim! E fazerão de tempo, pois Roma e Pavia não se fizeram num dia...

Como a fechar a entrevista, o sr. tenente-coronel Sá da Costa cita-nos estas palavras do dr. Augusto de Castro, há pouco publicadas no «Diário de Notícias»: «...temos as nossas praias entregues, quasi todas, a desleixo primitivo, sem esgotos, sem serviços eficientes de salvação de naufragos, sem desportos — e que é necessário abrir, no seu esplendor de sol, à alegria e à regeneração da raça».

Um aperto de mão e, como despedida, esta declaração:

— Deixe-me dizer-lhe que, para este empreendimento, encontrei as melhores boas vontades em todas as Repartições e pessoas a quem tive de me dirigir, em especial por parte dos srs. engenheiros Almeida Brito, chefe da Repartição dos Portos, Fernando de Sousa, chefe da Hidráulica do Tejo, e Luiz Acciaoli, chefe da Inspeção de Águas — sempre dispostos a empregar a sua influência no sentido de serem removidas as naturais dificuldades que a nossa iniciativa ia encontrando.

«Taça de Honra»

Belenenses, Carnide, F. C. do Pôrto e Vasco da Gama, classificaram-se para as meias-finais

COM jogos em Lisboa e no Pôrto, começou a disputa da «Taça de Honra», última competição oficial da época de «basket-ball». Na capital, defrontaram-se os quatro representantes de Lisboa, tendo Belenenses e Carnide vencido Unidos e Atlético; no Pôrto, Vasco da Gama e F. C. Pôrto, levantaram a melhor com os seus adversários — Guifões e Sport Conimbricense.

Dos quatro resultados apurados só o do F. C. Pôrto-Conimbricense fugiu aos possíveis vaticínios — teóricos, pelo menos... — pois, pondo em confronto o comportamento que ambos tiveram no campeonato nacional, a derrota dos campeões de Coimbra não era de esperar.

Nos torneios com as características que até tem — um único jogo, a eliminar — muitas vezes pode mais a vontade do que o saber. Os grupos conhecem de antemão as consequências da derrota e empregam-se a fundo, impondo resultados que, em circunstâncias normais, talvez não conseguissem.

Os jogos de Lisboa reflectiram bem essa dificuldade. Carnide Atlético, disputado em velocidade, cotou-se como um bom jogo, digno de tradições passadas. A felicidade de marcação de João Cruz — grande figura em campo — correspondeu o precioso auxilio dos seus companheiros; a maneira como utilizaram as trabalhadas avançadas do Atlético (parece que se assistia à ressurreição do antigo União!) e a prontidão com que puseram ao ataque adversários que até tem — a um ponto, notabilizaram uma partida, que teve apenas como único defeito o excessivo «entusiasmo» posto na luta pela defesa caridense. De facto, sem se mostrarem intimidados, Souto e Mendes acumularam faltas pessoais que os marcadores do Atlético de continuo desperdiçaram. Souto saiu do campo na 1.ª parte e a Mendes entrou a marcar a meio adversários se mostrava de enorme dificuldade. De frizar: os lances livres perdidos pelos «atléticos» foram, de longe, em número superior à diferença da pontuação final.

Na outra partida de Lisboa, Belenenses-Unidos, assistiu-se ao trabalho de uma única equipa, ou, melhor ainda, ao trabalho de um só jogador — Afonso Domingues. A exibição deste rapaz valeu todo o encontro; a forma perfeita como destruiu as tentativas do adversário e ajudou com entusiasmo os seus avançados, ficou a assinalar a sua melhor exibição desta época. Afonso Domingues, e o próprio Belenenses, teriam muito a lucrar se a actividade deste atleta fosse reduzida a menor número de competições, escolhendo-se, como é intuitivo, aquela modalidade em que se mostrasse com maior inclinação e habilidade. Ao trabalho concluído de Domingues correspondeu a habitual marcação de Ceia. Os dois, completando-se, fizeram o resultado. O Unidos esqueceu as suas responsabilidades, impondo-se nos primeiros minutos, depressa foi superado pela equipa «azul» (?) — e depois disso quasi que não existiu. As suas tentativas, na 2.ª parte, sendo tardias, pelo o resultado lá há de entrar em desfavorável, só tiveram o condão de diminuir o «score».

Indesculpável, um facto ocorreu com o Belenenses: às 22 horas ainda não tinham chegado ao campo da Boa Vista as equipas, o que obrigou os seus atletas a caver-gar, por empréstimo, as camisolas do Operário, que acabara de jogar com o Maria Pia.

Tanto num como no outro jogo, as arbitragens, irregulares, provocaram protestos, alguns justificados. É problema premente — que compete instantemente regular. — J. A.

OS JOGOS NO PÔRTO

Os dois representantes portugueses mais cotados começaram bem a disputa da «Taça de Honra»: o Vasco da Gama viu a sua tarefa facilitada, é certo, pois teve de bater-se com o Guifões — outro clube portense — de classe nitidamente inferior, mas deu-nos a impressão de ter o seu «cinco» em forma apurada. Os vascos, a progredir no terreno fizeram gala de jogadas desconcertantes, perenes de beleza e de rapidez; a lançar não estiveram inspirados, mas viu-se, também, que a equipa jogava sem preocupações de maior. O Guifões, por sua vez, não se entregou facilmente, o que por vezes deu à partida interesse e emoção. A correcção de ambos os grupos evitou que da arbitragem não resultassem más consequências.

Já o F. C. do Pôrto não passou com tanta facilidade, pois teve de jogar com vontade para bater o Conimbricense, que no recente Campeonato Nacional tido brilhante actuação teve. Os «azuis-brancos» fizeram exibição apreciável e apesar de se verem privados do concurso de Pires, a breves minutos da segunda parte, e de terem aliado, com a falta de Lopes Martins, jogaram o suficiente para merecer amplamente o triunfo. A equipa pareceu-nos muito melhor que no Campeonato Nacional — e com vontade diferente... O Conimbricense ofereceu réplica constante, mas só durante dois minutos de jogo conseguiu estar na posição de vencedor. Arbitragem acérrima. — E. S.

TAÇA «JOSÉ DIAS PEREIRA»

Englobados nos jogos da «Taça de Honra», e para complemento dos respectivos programas, teve início a disputa de esta taça, de homenagem ao nosso prezado amigo e activo camarada de imprensa, Dias Pereira.

Nos jogos já efectuados, Algas, Benfica, Moscarda e Operário venceram, respectivamente, Sporting, Lisgás, Lisboa Gimnásio e Maria Pia.

O CLUBE DE FUTEBOL «OS BELENENSES»

é uma agremiação de carácter bairrista numa zona de grande valor na expansão dos desportos

○ Clube de Futebol «Os Belenenses» fundou-se em 23 de Setembro de 1919.

É um clube relativamente novo, que corresponde a uma ideia velha — a de reunir os jogadores de Belem num grupo com vida própria. Constituiu, por isso, a primeira tentativa de clube com acção local no seu bairro.

A ideia antes referida vinha desde os tempos distantes em que os jogos de futebol se disputavam nas Salésias. Já pusemos em relevo, na «História do Futebol em Portugal», de que são autores os nossos prezados colegas Ribeiro dos Reis, Ricardo Ornelas e Tavares da Silva, a influência do campo público das Salésias na expansão do futebol.

O «onze» caspiano de 1897 não era, por certo, todo êle, de Belem, mas os seus jogadores treinaram-se nas Salésias e faziam ali alguns desafios. O campo do Hipódromo de Belem, que ficava do lado de Pedrouço, teve também aplicação ao popular desporto. E o areal da Junqueira foi, depois, campo de treino para quantos grupos e jogadores apareceram.

Começou pois cedo a ideia de agrupar, em clubes próprios, os rapazes de Belem que se deixavam atrair pela emoção do futebol. Dentro do bairro, fundou-se, primeiro, o Belem Futebol Clube, de que eram figuras de maior relevo, como jogadores, José António, Cândido e Jorge Rosa Rodrigues, com José da Cruz Viegas e outros. A farmácia Franco passou a ser um foco de irradiação do futebol. Fundou-se no bairro o Sport Lisboa. Com jogadores do sítio se reforçou, ou se formou, em 1907, a primeira categoria do Sporting Clube de Portugal.

Mais tarde, quando a ideia pareceu mais fácil de ir por diante, criaram-se, com gente nova, o Sport União Belenense e o Ajuda Futebol Clube. Estes dois clubes, quasi vizinhos, mantiveram-se alguns anos. A iniciativa veio, porém, a falhar. Os elementos mais representativos passaram para outros clubes: Artur José Pereira, Francisco Belas e Viegas, do União Belenense, alinharam pelo Sport Lisboa e Benfica. Constituíram, nessa altura, um bom auxilio.

A dispersão dos jogadores feitos em Belem continuou até 1919. É nesta data que o projecto de reagrupar os jogadores do bairro consegue ambiente próprio — para a sua realização. As ideias, para triunfarem, precisam da sanção da derrota. O fracasso de 1910 tornou possível o êxito de 1919. Não tardou muito, ainda assim.

Até essa altura, haviam-se salientado, em «teams» de outros clubes, Henrique Costa, Francisco Belas, Artur José Pereira, Alvaro Gaspar, Alberto Rio, os três irmãos Rosa Rodrigues, Francisco Pereira, Manuel Veloso e outros. Após a fundação do Belenenses, distinguiram-se, principalmente, Mário Duarte (filho), Augusto Silva, César de Matos, Joaquim de Almeida, Eduardo Azevedo, José Manuel Soares (Pepe), Joaquim Rio, Fernando António (Peixinho), Rodolfo Faroleiro, José Simões, Alfredo Ramos, Heitor Nogueira, Bernardo Soares, José Luiz, etc. Havia

gente com valor para justificar a iniciativa da fundação do Belenenses. E da sua formação resultou o aparecimento de gente nova, de rapazes de valor, alguns até de fibra excepcional, como José Manuel Soares, Augusto Silva, César de Matos e José Simões.

O BELENENSES E A SUA OBRA NO FUTEBOL

Com esta base do reagrupamento de elementos belenenses dispersos por outros grupos, começou o novo clube por se dedicar de preferência ao futebol. A sua apresentação em campo constituiu agradável surpresa — pelo valor global do «team», pelas cores e distintivos de equipa, e até pela forma como, de uma das balizas, saíam para o terreno do jogo.

O «team» que primeiro representou o Clube de Futebol «Os Belenenses», em 30 de Novembro de 1919, alinhou como segue: Mário Duarte; Romualdo Bogalho e Carlos Sobral; Francisco Pereira, Artur José Pereira e Arnaldo; Anibal dos Santos, Edmundo Campos, Manuel Veloso, Alberto e Joaquim Rio. Apresentava dois grupos de irmãos — Artur e Francisco, e Joaquim e Alberto. Quasi todos os jogadores tinham passado pelo Benfica. Isso justificou de algum modo a persuasão de ter havido uma desistência no Sport Lisboa e Benfica. Artur José Pereira, dos homens que mais trabalharam pela fundação do clube, estava, porém, no Sporting. A ideia da fundação era, de facto, mais elevada — a de organizar um clube em Belem, com gente daquela zona citadina. E, no entanto, curioso anotar que nem todos os jogadores do «onze» inicial eram de Belem. E o clube teve já uma sucursal, na Baixa.

No campeonato de 1919-20 houve somente a inscrição de dois «teams» — primeira e segunda categorias. O campeonato disputou-se em duas séries, com uma «poule» de meios-finalistas, para apuramento de dois finalistas. O Belenenses, que fez uma exibição de grande relevo técnico no dia da estreia, ganhou a sua série, por 7 pontos, contra 5 do Benfica. Na «poule» da segunda fase, com o Benfica, Sporting e Vitória, classificou-se em primeiro, «ex-aequo» com o Benfica, ambos com 3 pontos. O Belenenses foi depois derrotado nas duas «mãos» da final — na pri-

meira, por 2-1; na segunda, por 2-0. Na «Taça de Honra», foi eliminado pelo Vitória, de Setúbal, por 0-4. Numa deslocação ao Pôrto, ganhou ao Académico, por 6-0, e perdeu com o F. C. Pôrto, por 3-4.

Em segundas categorias, não foi além de 5.º lugar, na sua série. Artur José Pereira, capitão geral do Belenenses, dedicou-se com entusiasmo à formação de gente nova. No campeonato de 1920-21, inscreveu 26 jogadores desconhecidos do público dos campos de futebol. Era a escola de Artur que entrava a produzir bom resultado.

Entre os componentes das primeiras direcções figuravam o engenheiro naval Francisco Reis Gonçalves e o dr. Vergilio Paula, ambos figuras de relevo no desporto. O trabalho dos dirigentes e dos jogadores permitiu ao «Belenenses» afirmar-se clube de primeiro plano, logo no principio de existência. Os melhores títulos vieram, no entanto, mais tarde.

Em 1915-26, ganhou o primeiro campeonato regional de 1.ª categoria, e em 1926-27 o primeiro campeonato de Portugal. Voltou a seu campeão regional, de 1.ª categoria, em 1928-29, 1929-30, 1931-32 e 1943-44, e nacional em 1928-29 e 1932-33. Ganhou a «Taça de Portugal» em 1942. Em 1943-44 ganhou a taça de conjunto de A. F. L., pelo melhor numero de pontos no total das três categorias.

Pelas diversas equipas do clube passaram jogadores que subiram à categoria de internacionais: César de Matos, o jogador que voava, tão perfeito e elegante era a saltar; Augusto Silva, o herói dos Jogos Olímpicos de Amsterdão; José Manuel Soares, o saudável «Pepe», falecido em plena mocidade; José Simões, defesa de grande mobilidade e segurança; e Alberto Rio, excelente ponta esquerda, de remate rápido e forte, que vinha de épocas um tanto afastadas. Podiamos juntar outros nomes. Estes foram, porém, os que mais se distinguiram.

O BELENENSES NOUTROS DESPORTOS

Vem quasi de principio a propensão do Clube de Futebol «Os Belenenses» para outros desportos. Logo na festa do segundo aniversário de fundação organizou um pro-

(Continua na pág. seguinte)



Os trofeus que documentam sugestivamente os vinte e cinco anos de actividade do Belenenses em desporto

A direcção do Clube de Futebol «Os Belenenses» preside, actualmente, o senhor comandante Américo de Jesus Rodrigues Tomaz. Devido às suas ocupações, dispersas por vários cargos públicos, não nos pôde atender quando procurámos a direcção do clube. Esta delegou no seu vice-presidente, sr. Artur Aires Martins, o encargo de a representar. Pela forma como nos acolheu, e pela elevação com que analisou os diversos problemas que interessam ao Belenenses, podemos acrescentar que a escolha nos pareceu acertada.

O sr. Artur Aires Martins é um baarrista apaixonado. É de Belem. Fez-se jogador de futebol naquele bairro. Ingressou no Sport Lisboa, quando o popular clube se fundou, em Belem. Distinguiu-se no lugar de defesa do terceiro «team», nos primeiros anos do Benfica. Abandonou cedo as preocupações de jogador. A sua paixão desportiva dividiu-se entre o futebol e a caça. Abandonado o desporto de competição, ficou o gosto pelo «association» — e a prática como caçador. Recebeu, no dia 3, a sua quota parte de homenagem, no banquete do Sport Lisboa e Benfica. Mas, acima de tudo, mesmo quando alinhava pelos «vermelhos», era belenense...

Só agora é que o sr. Artur Aires Martins se estreou como dirigente. Parece, por isso, pouco à vontade quando lhe falámos em entrevista, e quando lhe pedimos a sua opinião acerca do comportamento do Belenenses, na última época. Mas não se recusa a responder. Procura, porém, definir bem o seu pensamento. Não tem pressa. De vagar se vai ao longo...

— A última temporada no nosso clube não se compreende bem. Ao princípio, postas as diversas equipas sob a direcção do novo treinador, Peics, caminhou tudo bem. No campeonato regional de primeiras categorias, a série de vitórias apenas se interrompeu na final, com a derrota em face do Benfica. A

O BELENENSES E A SUA DIRECÇÃO

O clube tem o orgulho de acção local em favor do futebol, e de posse do melhor terreno relvado dos melhores clubes do Sul

média de bolas marcadas por desafio ficou em 4,8. Em reservas atingiu-se o máximo possível de pontos, 30, com o segundo classificado a 8 pontos de diferença. Em segundas categorias, não passámos do terceiro lugar. O triunfo com mais valor, como índice do trabalho do clube em profundidade, é, no entanto, o da taça de conjunto de pontos nas três categorias. Totalizámos 80 pontos, contra 75 do Benfica. O terceiro, Sporting, ficou muito afastado.



Aires Martins, vice-presidente do C. F. «Os Belenenses»

Após esta carreira, que tem muito de brilhante, veio uma queda que eu posso classificar de vertical. Não sei, não sabemos como isto foi. Falta de moral? Talvez efeito da suspensão de Salvador, inutilização feliz-

— afirma o sr. AIRES MARTINS vice-presidente da Direcção

mente temporária, de Serafim, do castigo de outros jogadores. Tudo deve ter contribuído. E o valor inicial afundou-se, na sequência dos torneios. Não há, porém, desânimo. E, por mim, devemos insistir em fazer escola, dentro do clube.

— Acerca de outros desportos, que se pensa no Belenenses? — inquirimos de novo. E o sr. Aires Martins, já mais afeito ao papel de entrevistado, acode rapidamente:

— Dispensaremos a melhor atenção às outras modalidades que se praticam no clube. E devo até acrescentar, por minha parte, que não compreendo o abandono do atletismo, que é a base do futebol. Temos de reorganizar a secção em bons moldes, de a animar, de lhe imprimir entusiasmo. E já agora posso afirmar, como opinião pessoal, que entendo que as coisas deviam estar reguladas em condições de não se permitir, a qualquer atleta de um clube, representar outro, noutra modalidade, desde que essa modalidade estivesse devidamente organizada dentro da sua agremiação.

— Qual a situação financeira? — perguntámos.

— Optima! — é a resposta, franca, desembaraçada, do sr. Aires Martins. Recebemos o clube em situação desafogada. E será para os actuais directores motivo de satisfação deixar as finanças nas mesmas condições. E deixar tudo como encontrou — em boas relações com os clubes congéneres, com as federações e com a Direcção Geral de Desportos, que teve primeiro a animá-la a competência e dedicação do sr. tenente-coronel Salvação Barreto, desportista da velha guarda, e que está agora entregue em boas mãos, por parte do sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro, também desportista da melhor tempera.

O sr. Aires Martins continua:

— O Belenenses tem legítimo orgulho em fazer uma obra elevada de valorização desportiva no seu bairro, e em possuir o único campo relvado dos clubes do sul. Não esquece por isso os jogadores de Belem que deram e dão brilho ao futebol nacional; e não esquece nunca os nomes de Francisco Mega e Armando Felipe, na construção do campo relvado.

«Dentro de pouco tempo vai o clube festejar as suas «Bodas de Prata». Não está ainda elaborado em definitivo o programa comemorativo do 25.º aniversário. Mas há dois números que constituem o pagamento de dividas de gratidão — a inauguração solene, na sede do Belenenses, de uma fotografia com a equipa que primeiro representou o clube; e entrega pública da medalha de ouro que a assembleia geral concedeu ao sr. engenheiro Francisco Reis Gonçalves, pelos relevantes serviços que tem prestado ao clube. Esta é a terceira medalha que o Belenenses confere. A primeira coube ao sr. tenente-coronel João Luiz de Moura, já falecido, e a segunda foi atribuída ao sr. engenheiro António Maria Ribeiro. O Belenenses mostra-se sempre grato para quem o serve com inteligência e dedicação.

Assim fechou o sr. Aires Martins as suas considerações. E assim fechamos a entrevista, certo de que estas palavras são as que melhor traduzem o sentir do popular clube, no momento em que se prepara para festejar novamente o aniversário da sua fundação.

UM QUARTO DE SEculo DE ACTIVIDADE

grama que incluía provas de atletismo e ciclismo (2.000 metros). E é possível que para tal contribuisse o facto de contar, entre os jogadores de futebol, dois atletas de notável ecletismo — Carlos Sobral, falecido em África, e o dr. Mário Duarte (filho), presentemente consul de Portugal em Berlim.

Diversos são os desportos em que tem brilhado. Em natação, contou com elementos de valor — e chegou a ter mais de um «team» de «water-polo». Teve, mesmo, os dois melhores nadadores de brucos — João da Silva Marques e Orlando Serra. Silva Marques deu ao Belenenses alguns campeonatos e «records» de Portugal, em brucos, e alguns triunfos em provas de pequeno fundo. Orlando Serra foi, no seu tempo, o nadador que mais se aproximou do campeão. Delfim Cunha cotou-se como excelente nadador de velocidade e como jogador de «water-polo». E das mais simpáticas dedicações pelo seu clube. No último ano, apareceu Ana Linheiro, nadadora muito nova e que é uma promessa. Ganhou alguns campeonatos e salientou-se nas provas de «crawl» de costas.

A secção de atletismo chegou a ser de primeiro plano. Data do melhor período dessa modalidade a construção das pistas no estádio das Salésias. Teve campeões nacionais e «recordmen» e dispôs de uma equipa feminina que deu cartas no seu tempo. Tão numeroso era o lote de atletas que não podemos fazer citações pessoais.

O ciclismo contou no Belenenses, em anos sucessivos, elementos de valor. Seria também alargar demasiadamente este artigo indicar nomes. Anotamos, entretanto, que Joaquim Manique ganhou, para o clube de Cruz de Cristo, um campeonato de Portugal em fundo; Alfredo Trindade, o antigo campeão, correu também com a camisola azul; e Cabrita Mealha foi das grandes esperanças «azuis», quando veio do Algarve.

Quanto a «basket», o seu progresso é evidente. Tem um bom lote de jogadores, em

que se distinguem Afonso Domingues, António Esteves, Natividade, Valério, Manuel Seia e Carlos Câmara e Sousa. Classificou-se em 3.º lugar no campeonato regional e entrou por isso no campeonato de Portugal, ficando em quinto.

Dentro do «rugby» é das melhores a posição de Belenenses. Podemos até afirmar que a este clube se deve em grande parte a movimentação desta modalidade.

Em «handball» há também entusiasmo e boa vontade.

UM MOTIVO DE ORGULHO PARA O BELENENSES

É o seu estádio «José Manuel Soares». De princípio, pela sua situação, teve uma designação que corresponde à base da expansão do futebol em Belem — Salésias. A preocupação de prestar homenagem a José Manuel Soares levou a direcção a alterar-lhe o título. A este campo dispensaram os dirigentes uma atenção que tem muito de carinho. Foi o primeiro campo de relva. Teve orgulho em possuir o único terreno de relva que existia no sul do País, até à construção do Estádio Nacional. E só foi possível obtê-lo com o largo espírito de iniciativa de Francisco Mega, antigo presidente de direcção, e com a invulgar dedicação de Armando Felipe, trabalhador infatigável, que era então tesoureiro.

No Estádio das Salésias há outro campo que serve para «handball», «rugby» e treinos de futebol, e um terreno para «basket».

A sede do clube funciona na Rua Direita de Belem, à esquina da Calçada da Ajuda e engloba: secretaria, sala dos trofeus, com 476 prémios, sala de bilhares e sala de jogos de vasa. Na sede, há instalações para «tenis» de mesa.

O Belenenses tem um «boletim» mensal. A sua população associativa é de 5.500 sócios. É, pois, um grande clube.

MÁRIO DE OLIVEIRA

Militar de Lisboa

tiveram animada concorrência

Os esforços do Conselho Superior de Educação Física do Exército, mantidos com patriótica perseverança, durante anos consecutivos, e aproveitando ano a ano, em aperfeiçoamento e expansão, as lições das primeiras experiências, conduziram os campeonatos militares à categoria digna do seu importante significado e a um plano de desenvolvimento que traduz, de facto, uma actividade nacional de incalculáveis benefícios.

As provas d'este ano ultrapassaram em concorrência e animação todas as anteriores; em cada Região Militar, com a presença de representantes de todas ou quasi todas as unidades do País, disputaram-se concursos de apuramento para os campeonatos nacionais — e o nível médio da competição foi francamente bom, em ambiente modelar de disciplina e regularidade.

Entre os componentes da Guarnição Militar de Lisboa efectuaram-se já os campeonatos de «basketball», com 18 equipas concorrentes, e de «handball», com grupos participantes, e de «volleyball», com a presença de 78 equipas nas três categorias de oficiais, sargentos e soldados. Estes números têm eloquência que dispensa maiores comentários; acrescentaremos, somente, que as representações mantiveram apreciável valor desportivo — muitas das exhibições foram mesmo brilhantes — e mais nada é preciso dizer para prova de que o desporto militar é uma realidade, de facto!

Todos os jogos das três modalidades se celebraram nos campos da Escola do Exército, devidamente dirigidos por árbitros competentes da organização oficial, nunca dando motivo a incidentes de qualquer espécie, pois, como tal, não podem designar-se as atitudes pessoais que motivaram mais graves sanções, apenas justificáveis pelo rigorismo draconiano dos regulamentos, que passariam como vulgares pormenores de jogo nos encontros de competição clubista.

O torneio de «basket», cuja final teve a assistência de milhares de pessoas, pois as unidades finalistas compareceram completas (Cavalaria 2 veio montada, do quartel para a Escola...) decorreu com acentuado interesse, devido à presença de inúmeros jogadores de categoria nos grupos concorrentes; a vitória veio a pertencer a Cavalaria 2, que bateu no último encontro os Telegrafistas, por 35-33, com brilhante recuperação na segunda parte, visto que perdiam ao intervalo por 10-18.

A final de «handball», que foi forçada a adiamento, em virtude da anulação de uma das meias-finais (parece-nos que a unica partida que não fôra dirigida por um árbitro oficial), deu ao a renhida competição entre os Sapadores de Caminho de Ferro e Artilharia de Costa. A arbitragem, que não soube impôr-se no começo do jogo, permitiu certa dureza, que se refletiu no período final em exageros, motivando sanções rigorosas, que teriam sido evitadas se a complacência inicial.

Os Sapadores venceram apenas por 3-2, isto apesar do adversário ter ficado reduzido a oito homens.

Finalmente os torneios de «volley», os mais concorridos, trouxeram duas vitórias para o Batalhão de Metralhadoras 1, nas categorias de oficiais e sargentos, e outra para a Base Aérea 2, na categoria de soldados. Todas as finais se decidiram ao terceiro jogo, após luta emocionante e energética.

Dêse sexta-feira e até sábado próximo está em curso o Campeonato de Gimnástica, entre classes de cinquenta soldados, recrutas de 24 unidades da Guarnição de Lisboa.

Já no ano passado referimos a importância d'este concurso, verdadeiro índice do adestramento físico e desembaraço militar dos soldados; voltaremos a falar d'ele na próxima semana, depois de concluído, limitando-nos por agora a apontar a boa conta prestada pelas classes que se têm exibido nas lições de gymnástica educativa, nos exercícios de aplicação militar, nos saltos de plinto e nos percursos de obstáculos.

SALAZAR CARREIRA

A SALA CARLOS GONÇALVES

ganhou a taça «Câmara Municipal de Lisboa»

Começou a disputa do trofeu «Mestre António Martins»

COMO informámos no nosso último número, concluiu na passada quarta-feira, no jardim do Automovel Clube de Portugal, o torneio de espada para disputa da taça «Câmara Municipal de Lisboa». Os encontros recomeçaram na terça-feira, pela seguinte ordem:

Gimnásio A (com Pimenta de Araújo a substituir Carlos Dias), 9—Hockey (J. Cruz, V. Couto, P. Silva e P. Raposo), 6 (1 nulo). «Match» disputado sem grande interesse, durante o qual se registou ligeiro equilíbrio inicial, seguido de vantagem do Gimnásio, que a manteve até o fim. Marcha do encontro: G. C. P. — 1/0, 1/0 (nulo), 2/1, 2/2, 3/2, 4/2, 4/3, 5/3, 5/4, 6/4, 6/5, 7/5, 8/5, 8/6, e 9/6. Jorge Oom voltou a salientar-se entre os vencedores. V. Ventura e A. Cordeiro, regulares. Na equipa do Hockey, J. Cruz e V. Couto foram os melhores, a natural distância dos companheiros.

Sala Carlos Gonçalves, 11—Gimnásio B, 4 (1 nulo): Ambas as equipas apresentam as formações dos últimos dias. Vitória fácil da Sala Carlos Gonçalves — com a qual garantiu a posse da taça em jogo. Marcha do encontro: S. A. C. G. — 1/0, 1/1, 1/2, 2/2, 3/2, 5/2, 5/3, 6/3, 9/3, 9/3 (nulo), 9/4 e 11/4.

Último encontro, na quarta-feira: Centro 12 — Gimnásio A, 4: Este «match» decidia a classificação, relativa aos 2.º e 3.º lugares. O Centro de Esgrima compareceu sem um dos elementos, o suplente Dias de Sousa, portanto reduzido aos internacionais Mayer e Silveira e a V. Tavares. Na folha de marcação averbaram-se logo quatro derrotas — mas o Gimnásio, com a formação apresentada no dia anterior, deixou-se esmagar pelos atiradores adversários, que se exibiram cautelosamente e totalizaram tantas vitórias quantos os assaltos efectuados — recebendo só 8 toques... Este apontamento basta para dar ideia da maneira como decorreu o encontro.

Classificação final: 1.º — Sala de Armas Carlos Gonçalves, 8 pontos (4-0); 2.º — Centro Nacional de Esgrima, 6 pontos (3-1); 3.º — Gimnásio Clube, equipa A, 4 pontos (2-2); 4.º — Gimnásio Clube, equipa B, 2 pontos (1-4); 5.º — Hockey Clube, 0 pontos (0-4).

O sr. Director Geral dos Desportos, que assistiu também ao último encontro do torneio, entregou aos representantes da equipa da Sala Carlos Gonçalves a taça «Câmara Municipal» e respectiva miniatura, dirigindo-lhes algumas palavras de felicitações e incitamento.

O torneio — As equipas

O torneio nem sempre teve o ambiente de interesse que os dois primeiros dias registaram. A vitória obtida pela Sala Carlos Gonçalves sobre o Centro de Esgrima, logo na jornada inicial, e a fraca exhibição, na sessão seguinte, das equipas mais cotadas, que deixou prever logo o triunfo final daquela Sala — são factos que devem ter contribuído para a quebra verificada. No entanto, esta prova reuniu bons elementos de agrado — entre os quais deve salientar-se o do regresso da equipa do Centro de Esgrima às nossas competições.

Sob o aspecto técnico, há que pôr em foco a irregularidade das exhibições da maioria dos atiradores. Com efeito, se atentarmos no conjunto de quasi todas as equipas, fácil é concluir que a classificação final não se ajusta perfeitamente, no seu todo, às mais naturais previsões — vejamos o caso Hockey Clube... — e que os resultados individuais foram muitas vezes contrários ao mais lógico desfecho.

Por outro lado, também as alterações verificadas nas equipas do Centro, Gimnásio A e Hockey prejudicaram a vibração aguardada em alguns dos encontros — longe, por exemplo, da que víamos, há anos, na disputa da celebre taça «Lancho», de características semelhantes.

Seja como for, a vitória da Sala Carlos Gonçalves teve incontestável mérito. Vencido o C. N. E., seu mais forte adversário, a equipa aplicou-se com vontade para concluir airoso-

mente o torneio. A homogeneidade da formação não é de molde a permitir que punhamos em revelo qualquer dos seus componentes. Todos se entreajudaram bem para o triunfo — e só E. Lino deu média levemente mais baixa no seu rendimento.

Na equipa do Centro Nacional de Esgrima salientaram-se H. Silveira, sempre um atirador de grande classe internacional; R. Mayer, cuja primorosa técnica encanta; e V. Tavares, êste a demonstrar progresso e afirmar-se dia a dia mais seguro. Armenio Lopes reapareceu em condições especiais, sem ter podido preparar-se convenientemente — e sem possibilidade, portanto, de mostrar o seu incontestável mérito. De J. Sasseti já há dias falámos.

A formação A do Gimnásio Clube teve ainda em Jorge Oom o mais seguro esteio, embora êste forte espadista não tivesse mantido desta vez a habitual eficiência. C. Dias, V. Ventura e A. Cordeiro foram pouco produtivos — o primeiro irregular e os dois últimos visivelmente fôra de forma. O suplente P. Araújo, mostrou, talvez pelo mesmo motivo, rendimento inferior. A equipa B conseguiu classificação lisonjeira. L. Oliveira Jr. voltou a surpreender alguns fortes adversários e os restantes mantiveram-se no nível costumado.

Finalmente, há a registar a surpresa — que o é, de facto... — do último lugar para a representação do Hockey Clube. Todos os seus atiradores estiveram aquém do que valem. No entanto, V. Couto foi o melhor, com alguns assaltos através dos quais mostrou ser ainda elemento de valia quando consegue dominar os nervos. F. Pereira e J. Cruz voltaram a inferiorizar-se. J. Pablo — destreinado; P. Silva jogou com a vontade costumada e Paiva Raposo pareceu-nos mais à vontade na condução dos assaltos.

Taça «Mestre António Martins»

Começou na última segunda-feira, também no jardim do Automovel Clube, a disputa deste trofeu, de homenagem à memória do grande e saudosos Mestre António Martins. No próximo número lhe faremos a devida referência.

Acontecimentos da Semana

ATLETISMO — Num torneio entre sócios do Salgueiros, saíram vitoriosos: Alves Mendes, 80 m. em 10 s. e 300 m. em 40 s.; João Meireles, 150 m. em 19 s.; António Bernardo, 700 m. em 1'54 s. e 2.000 m. em 6'32 s.; Manuel Ribeiro, altura com 1'62, comprimento com 3'45, e tripele com 11'80; e Manuel Melo, peso com 3'55.

No Porto disputaram-se os campeonatos regionais da «Moçidade Portuguesa», com vitórias de António Rodrigues, Manuel Cordeiro, Francisco Urbano e Ernesto Trola.

BASKETBALL — Últimos resultados do campeonato corporativo, zona de Lisboa: Espírito Santo — E. L. A. E., 30-5; Armazénistas de Mercúria — Bombeiros, 35-33; Lavoura de Torres Vedras — Loica de Sacavém, 43-16.

BILHAR — João Martins, Silvino Fernandes e Adolfo Moura foram os vencedores, nas categorias respectivas, de um torneio organizado pela Sociedade de lastração «Guilherme Cossoul».

COMEMORAÇÕES — Efectuaram solenidades comemorativas das suas aniversárias, as colectividades seguintes: Caridade (32.º), Desportivo Clube de Artistas (30.º), Curia Palace Sports Club (15.º), Onze Unidos F. C. do Montijo (21.º).

GOLF — Para disputa da Taça «Maria Manuela», no Porto, registaram-se os resultados seguintes: Fernando Oliveira v. Clemente Meuness, 3-1; José Xavier v. Teodoro Henriques, 3-1; Jerónimo Reis v. Paulo Reis, 6-5; Alcino Godinho v. Manuel Lopes, 4-1.

HANDBALL — Para o campeonato de Lisboa de júniores, Marvilense bateu Belenenses por 1-0, «goal» de Joel Reis.

HOMENAGENS — A Sociedade União 1.º de Dezembro, de S. Pedro de Sintra, promoveu uma homenagem aos vencedores da «Taça de Portugal», em futebol, com várias solenidades que decorreram animadamente.

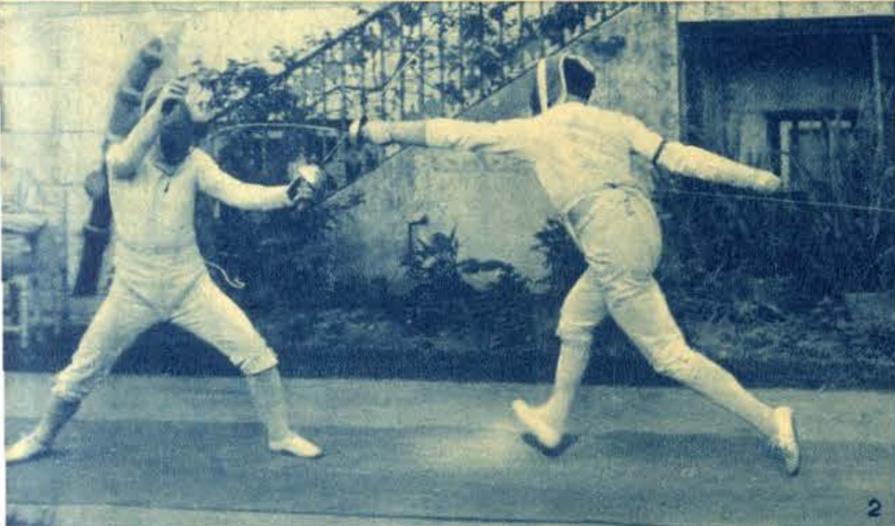
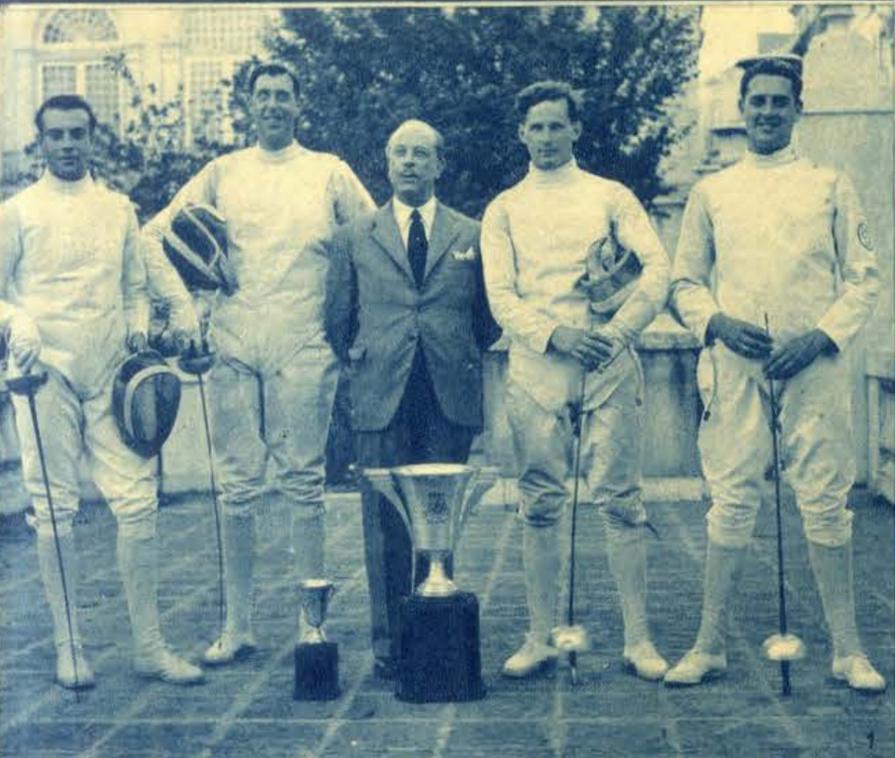
PATINAGEM — Em Estremoz inaugurou-se um «crink», com um festival em que colaboraram atletas do Benfica e do Campo de Ourique.

VELA — Promovidas pelo Clube Naval Barreirense, realizaram-se várias regatas, em que terminaram vencedores: Garcia Simão, Joaquim Pereira, Aníbal Ferreira, Rebelo Andrade, José Matias e Clemeute Domingues.

VOLLEYBALL — Campeonato de Lisboa: Fôforos — Monte Pedral, 2-0; Marvilense — Olímpico, 2-1; Pena — Ateneu, 2-1; Hockey — Futebol Benfica, 2-1.

A SALA DE ARMAS CARLOS GONÇALVES

conquistou o 1.º lugar no torneio de espada da "Taça Câmara Municipal de Lisboa"



1 — A equipa da Sala de Armas Carlos Gonçalves que conquistou a «Taça Câmara Municipal de Lisboa»: da esquerda para a direita — Emilio Lino, D. António de Almeida, o seu professor Mestre Carlos Gonçalves, Herbert Santos e Pinheiro Chagas. 2 — Fase do assalto entre Jorge Oom e Henrique da Silveira. 3 — O sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro, Ilustre Director Geral dos Desportos, no momento da entrega do trofeu a Herbert Santos, da equipa vencedora (fotos Nunes de Almeida)

final dos 80 metros



A equipa do Sporting, vencedora dos 5 x 80 metros

Machado, do Sporting, ganha os 80 metros — em esforço impressionante e cheio de beleza



OS CAMPEONATOS DE ATLETISMO DE JÚNIORES

foram ganhos pelo **SPORTING** seguido do Benfica, Internacional, Casa Pia, Atlético e Belenenses

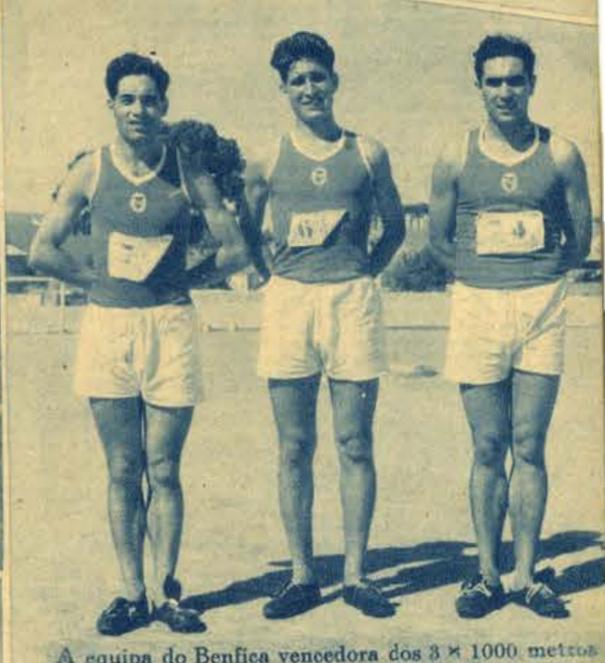
Uma passagem de testemunho na estafeta de 5 x 80 metros



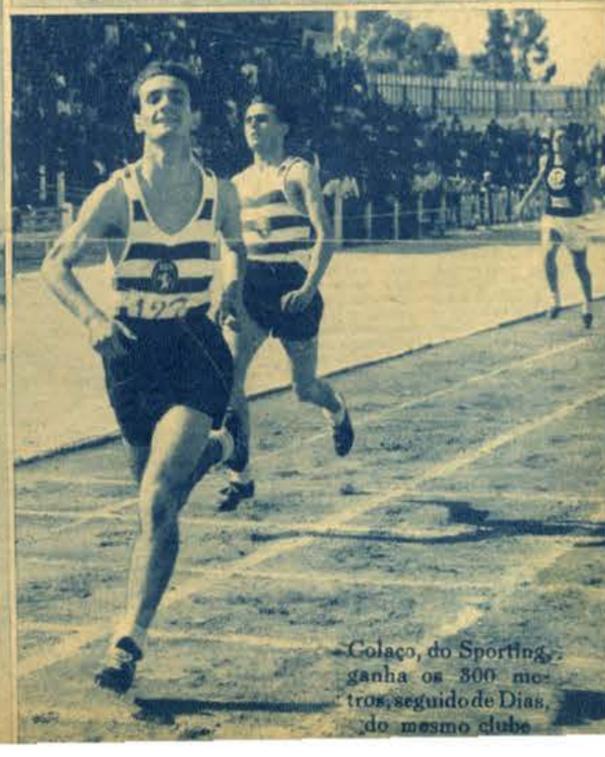
J. Vicente, do Carcavelos, que viu coroadado de êxito a sua tentativa para o novo recorde dos 700 metros (principiantes)



Santos Vieira, do Benfica, vencedor dos saltos à vara



A equipa do Benfica vencedora dos 3 x 1000 metros



Colação, do Sporting, ganha os 300 metros, seguido de Dias, do mesmo clube

A ASSOCIAÇÃO PORTUENSE DE ATLETISMO vai entrar, finalmente, em actividade

DESTA vez sempre é certo: a Associação Portuguesa de Atletismo, que há duas épocas vivia no mais completo marasmo e lutava com a falta de um elemento directivo, está em vias de ser completamente reorganizada, quer sob o ponto de vista administrativo — dado que foi resolvido esquecer totalmente as «contas do passado» — quer sob o ponto de vista técnico, pois foi de liberado também trabalhar dentro de novas fórmulas. Isto é: passaram a pertencer à história essas três épocas inglórias, em que o atletismo portuense esteve à beira de golpe fatal, que a derrubando por completo o esforço de muitos anos.

Congratulemo-nos, pois; esqueçamos mesmo esse mau período — e toda nós (aqui) que na verdade se interessam pelo atletismo) deixemos que o ambiente futuro seja de calma e de trabalho.

Para a história, porém, é justo — sem jactâncias — recordar a acção da «Stadium» para o êxito. Agora alcançado com a reorganização dos serviços da A. P. A., facto que, pode dizer-se, foi a resultante da campanha pró-atletismo desinteressadamente desenvolvida pela nossa revista. Recordemos: a reunião de clubes no F. C. do Porto sob o patrocínio da «Stadium»; a conferência do nosso querido e ilustre camarada Dr. Salazar Carreira, que pelo seu prestígio e pela sua enorme autoridade teve larguíssima repercussão no nosso meio; o torneio de trestreates, que serviu para pôr em confronto público a boa preparação da equipa do F. C. do Porto com a má representação dos restantes clubes (e este facto teve virtude estimulante, pois desde então os torneios entre sócios repetiram-se, quando até esse momento não se tinham realizado); e, por último, a insistente campanha — construída com o cento — que desenvolvemos nas colunas da revista e que teve o condão de chamar a atenção dos altos organismos do país para os factos tal qual se apresentavam.

Por tudo, pois, quanto fizemos desinteressadamente em favor do atletismo portuense, sentimo-nos legitimamente satisfeitos com a solução definitiva do tristíssimo problema da A. P. A.

O que se torna imperioso é esquecer por completo os factos passados e os homens que os construíram, e acarinhar e auxiliar os novos dirigentes, sobre quem pesa ingrata tarefa. Nêles confiamos abertamente; e a eles prometemos, desde já, a nossa colaboração.

No próximo domingo deve começar, pois, a actividade oficial do atletismo portuense, cujo programa não é ainda conhecido no momento em que escrevemos.

Sob o patrocínio da «Stadium» vai realizar-se um torneio em Braga.

Embora não seja ainda conhecido o programa oficial da temporada portuense, e por via disso se torna impossível determinar datas para provas particulares, podemos contudo anunciar que o Académico de Braga vai organizar um torneio naquela cidade, que terá o patrocínio da nossa revista.

Verifica-se, portanto, que os bracarenses continuam vivamente interessados pelo atletismo — eles, que na modalidade já viveram períodos de fraca evidência no panorama nacional. E verifica-se, também, que foram justíssimos os comentários que escrevemos a propósito da presença dos atletas do Académico de Braga no nosso torneio para «trestreates»...

Por tudo, pois, o torneio que se vai realizar chega no momento oportuno — agora que a A. P. A. entrou, definitivamente, na sua fase de reorganização — e deve servir admiravelmente para a boa propaganda do atletismo. Este já garante as inscrições do clube organizador, do Sporting de Braga, do Vianense e do F. C. do Porto, contando-se ainda com as do Académico, do Salgueiros, do Operário, do Sport, etc.

Como dizemos atrás, a data da realização do torneio está dependente do calendário oficial a elaborar pela

A CIDADE DE PENAFIEL VAI POSSUIR um admirável Parque de Jogos

PENAFIEL tem vivido, até aqui, sem uma instalação desportiva capaz. O seu pseudo-Estádio, filho de verdadeiro erro, não oferece a menor condição para a prática do desporto e acabará por desaparecer, quando aqueles que teimam em mantê-lo forem chamados à realidade pelas entidades competentes.

Preteceu-se, levianamente, fazer obra desmedida, à custa de capitais alheios — gastos até aqui perduráveis e imprudentemente — e o resultado é que Penafiel continua a lutar com a falta de um campo de jogos que reúna condições espectaculares e técnicas.

Com a avultada importância despendida nessa teimosa empresa de incompetentes, já Penafiel teria um bom Parque de Jogos, que, sem ser Estádio, serviria em óptimas condições um meio desportivo modesto, como o de Penafiel.

Foi pois compreendendo essa realidade que um grupo de desportistas locais resolveu construir um Parque de Jogos junto do Campo do Conde de Torres Novas, destinado a «crink» de patinagem, a «courts» de ténis e a campo de basketball. E esta iniciativa — que mais vem confirmar a palpável inutilidade do pseudo Estádio — está a merecer o aplauso e o carinho dos melhores desportistas penafielenses.

A inauguração de referido Parque deve fazer-se por toda a segunda quinzena de julho, e constituirá, por certo, jornada magnífica para o desporto de Penafiel.

A. F. A., mas tudo leva a crer que terá lugar nos primeiros domingos de Setembro.

O sr. alferes José de Araújo Ramalho — antigo praticante e uma das revelações do atletismo bracarense — está a trabalhar com o maior entusiasmo para que este torneio, que além de se realizar sob o patrocínio da nossa revista terá também a orientação técnica da «Stadium», seja uma magnífica jornada de propaganda de salutar desporto.

Daremos mais amplos informes.

Alteias lisboetas nas festas comemorativas do aniversário do F. C. do Porto?

Entre os vários números do grandioso programa elaborado para comemorar a passagem de mais um aniversário do glorioso F. C. do Porto, figura — e muito bem — um torneio atlético, que servirá para, mais uma vez, se afirmar o insofismável interesse que à modalidade dedica o referido clube.

Parece, porém, que os dirigentes do F. C. do Porto não pretendem imprimir à competição um carácter de puro clubismo, e pretendem, por isso, convidar alguns dos melhores elementos do Sporting, a fim de se realizar um encontro Porto-Sporting, em atletismo — que seria o primeiro da história... E não deixaria de ser interessante que depois de tantos encontros Porto-Sporting, em futebol, os mesmo clubes disputassem, agora, a supremacia em atletismo... Tudo isto, só, por enquanto, projectos — mas que a tornarem-se realidade contribuiriam, em muito, para o brilhantismo das festas que se preparam.

EDUARDO SOARES

O F. C. DO PORTO vai festejar com esplendor o 38.º aniversário

A direcção do F. C. Porto, que tem dado à Imprensa seguras provas de reconhecimento pela sua acção construtiva, fez retirar na sua sede, na semana finda, os representantes dos jornais diários desta cidade e os correspondentes dos periódicos desportivos, em conjunto com os chefes de todas as secções do clube, a fim de se estudar o programa das festas comemorativas do 3.º aniversário da fundação do prestigioso clube.

Expostas as bases do programa e agradecida pelo presidente da direcção, dr. Cesário Benito, foi comunicada a constituição da comissão de festas, à qual preside Júlio Silva, dedicado sócio do F. C. Porto e proprietário do Emissor Ideal Rádio.

O programa abre com parada atlética, um jogo de «hand-ball» e provas de atletismo a realizar no dia 31 do corrente, no campo da Constituição. No dia 1 de Agosto, no campo do Avenida, torneio de «basket» e de «volleyball». No dia 2, visita às instalações da sede, exposição dos troféus e sessão solene, com a assistência das diversas entidades oficiais. No dia 3, sessão especial no Coliseu do Porto, constituindo parte dela uma hora de «films» desportivos.

O programa encerra-se no dia 5, com um jantar de confraternização. Durante a sessão solene prestará a direcção pública homenagem aos seus atletas mais antigos e ainda em actividade.

O «GALITOS DA FOZ» MOVIMENTA A NATAÇÃO com três provas de mar

NA falta de provas oficiais — a Associação Portuguesa de Natación ainda não deu sinais de existência... — são as actividades privadas que procuram movimentar a sua modalidade, por forma que a época não passe inteiramente sem uma ou outra competição de valor, que possa pôr em acção os nossos nadadores.

O «Galitos da Foz», organismo que à causa da natación tem prestado um esforço generoso, por vezes até mal compreendido, vai organizar de novo as suas costumadas provas. Não se realizará o «11 milhas da mar» por motivos de ordem vária, mas, em compensação, disputar-se-á, pela primeira vez, outra prova de mar.

Falando com o seu activo presidente, sr. Francisco Nogueira Meireles, apaixonado e dedicado propagandista da natación, dele ouvimos o seguinte:

Seria nosso desejo que as provas que os «Galitos» vão efectuar esta época fossem realizadas um pouco mais cedo. Circunstâncias diversas não nos impediram. Teremos, portanto, de atrazar o primitivo calendário que elaborámos.

Já não haverá qualquer prova em Julho?

— Assim é. Resolvemos que as provas tenham a sua efectivação pela seguinte ordem: «Meia milha do mar», em 6 de Agosto, e o «11 milhas do mar», em 20 de Agosto, também de tarde; finalmente a nova prova «Leixões-Douro», em 3 de Setembro, de manhã.

— Esta de manhã por quê? — inquirimos.

— Assim no-lo aconselharam os conhecedores da nossa costa. Esta quadra é batida com regularidade por forte vento do nordeste e norte, ocasionando daí certa vagar, que prejudica a acção do nadador. Daí a prova de manhã é desventuroso não costuma refrescar tanto, e a razão pela qual — dada a natureza da prova, que exige

Semana a Semana

O «volleyball» em franco progresso

É extraordinário o interesse que o «volley-ball» tem despertado nos meios desportivos nacionais.

Depois de termos informado — em ligeira entrevista com o presidente da Associação de «Volley-Ball» do Porto, sr. Aquilino Ribeiro — das primeiras diligências para a constituição e organização da Federação nacional desta modalidade, chegamos à confirmação de que os jogos inter-cidades, com equipas representativas de Lisboa, Porto e Coimbra, estão a caminho de realização prática.

Segundo as mesmas informações, o torneio deverá ser efectuado na nave central do Palácio de Cristal.

Projecta-se para breve a reunião, em Coimbra, dos delegados das associações regionais de Lisboa, Porto e daquela cidade, a fim de se assinar na instalação da Federação Nacional de Volley-ball.

«Tricas» no «handball»...

A desavença que se registou há tempos no seio da direcção do «hand-ball» portuense, acentuou-se nos últimos tempos, assumindo carácter grave.

Entre dois directores — Alvaro Pinto, presidente, e José Pinheiro Júnior, tesoureiro — não há possibilidade de entendimento, com o que só sofre a modalidade. Ultimamente, Pinheiro Júnior afirmou que pedira a demissão, mas, segundo se afirma, nada ficou exarado da acção desse acção, a propósito da demissão do tesoureiro. Parece que tomando como certa a frase proferida, a direcção deu conhecimento superior do facto, e daí um não acabar de questões, que só prejudicam o regular andamento do organismo regional.

Ao que chegou o «hand-ball» portuense!

O Sport ganhou o protesto

Fundamentado em questões técnicas de arbitragem, o Sport Clube do Porto protestou o jogo da segunda mão de passagem com o Salgueiros, campo da 2.ª divisão. O Conselho Técnico da nossa Associação, constituído por Alves Teixeira, Carlos Matias e Antonio Figueiredo — três nomes que dão garantias de bagagem técnica — deu provimento ao protesto, pelo que o referido jogo será repetido em breve.

Recelos...

A determinação da Direcção Geral dos Desportos sobre as gerências dos clubes, adiando as eleições dos corpos gerentes para o princípio do ano próximo, parece ter ocasionado como que uma espécie de recelo, por parte das actuais gerências, em assumir compromissos que as futuras direcções não aceitem ou as assembleias gerais não sancionem.

Diz-se que, em face disso, vários projectos de transferências e outros aspectos da vida interna dos clubes sofreram um compasso de espera.

Existem também motivos para estes recelos. A Direcção Geral dos Desportos tem entidade soberana, cujas determinações passam por cima das resoluções das direcções dos clubes e das próprias assembleias gerais. O que foi resolvido pelas gerências que se conservem nos seus lugares, além do período do mandato normal, por ordem da D. G. D. — está legalmente sancionado. Pelo contrário, pode acontecer, sim, e qualquer resolução de uma assembleia não ter a aprovação da Direcção Geral e não poder, portanto, ser posta em prática...

Emigração para Viana

Fala-se insistentemente, nesta cidade, que em consequência da instalação de novos atletas em Viana do Castelo, profundeidade de um empreendimento altamente organizado, a frente da qual está colocado o engenheiro Américo Rodrigues, dos maiores impulsionadores do desporto na Cuf, grande número de atletas praticantes das diversas modalidades, funcionários daquela firma, acompanham o seu chefe hierárquico. Assim, o clube indicado para o seu ingresso é o Vianense, que passará a ter uma excelente turma de futebol, a par de outras de «handball» e «basketball». Desta maneira, o desporto na Princesa de Lima vai sofrer extraordinário impulso. Diz-se até que o sr. engenheiro Américo Rodrigues será o futuro presidente da direcção do Vianense.

Veremos se tudo isto se confirma!

larga soma de resistência da parte dos nadadores — optá mos por que ela se faça de manhã.

— Estamos a tratar disso... Devo entretanto fazer-lhe notar uma coisa — e já agora agradecer-lhe que a «Stadium» se fizesse eco dessa condição primordial: é que só faremos a prova «Leixões-Douro» desde que consigamos retirar, pelo menos, um lote de 10 nadadores. Reconhecemos que é exigido grande esforço ao nadador — mas não há de ser esse o motivo para não termos uma prova que, como resultado nenhum atingir a meta... Assim, com inscrição avultada, mas seria que alguém não completasse o percurso!

— E sobre prémios?

— Tenho procurado organizar uma galeria de taças e medalhas que marquem as nossas provas deste ano. Confio sinceramente que os «Galitos da Foz» voltarão a acentuar a sua posição — modesta, é certo — dentro da natación nacional.

Resta agora que os clubes e os nadadores compreendam o largo esforço desenvolvido pelo «Galitos da Foz», fazendo as suas inscrições de forma que as três provas reúnem adorno bom — em qualidade e em quantidade. A «Meia milha do Mar» e a «Meia Milha» são provas encobridas.

A nova competição deste ano — «Leixões-Douro» — será um ensaio mais que o «Galitos» irá fazer das possibilidades dos nadadores. Na extensão aproximada de 3.000 metros, exige nadadores com largos recursos e conhecimentos, e capazes de lutar tenaz com o mar. A «Meia milha do Mar» e a «Meia Milha» são provas de natación inferior a esta, que será uma espécie de pedra de toque da nossa natación.

AS dificuldades que os nossos cavaleiros encontraram em Madrid e as que os concorrentes espanhóis tiveram em Lisboa, levaram-nos à conclusão de que deveria haver qualquer factor de ordem técnica a determiná-las.

Resolvemos, por isso, ouvir sobre o assunto um dos cavaleiros que, este ano, tomou parte no Concurso Hípico Internacional de Madrid, como componente da equipa representativa de Portugal.

O capitão Correia Barrento, dos mais brilhantes concurrentes portugueses, não necessita de apresentação. O seu nome é muitíssimo conhecido e as suas qualidades de cavaleiro estão absolutamente comprovadas.

Quer entre nós quer no estrangeiro, a lista dos triunfos coleccionados indica-nos o seu valor e justifica a popularidade que alcançou nos meios hípicos internacionais.

Quisemos ouvi-lo no próprio campo do Jockey Clube, no intervalo de duas provas, tendo como cenário a pista em que Correia Barrento tem obtido alguns dos seus mais valiosos triunfos.

Famos «armados» com uma série de perguntas que seriam «disparadas» pouco a pouco... Mas o entrevistado quasi adivinhou o nosso pensamento e, à medida que falava, ia-nos esclarecendo, antecipando-se praticamente às consultas preparadas.

— Diga-nos, capitão: há grande diferença entre as provas do Concurso Hípico de Madrid e as do de Lisboa?

— Sem dúvida. O concurso de Espanha é, sob o ponto de vista técnico, muito diferente do nosso. Os espanhóis, que contam com cavalos bastante rápidos, utilizam pistas maiores do que as nossas, proporcionando bons galopes, relativamente com poucos obstáculos. Isto é importantíssimo e dá logo grande diferença de velocidade para os cavalos de sangue.

— Os percursos são então longos?

— Sim, muito maiores do que os nossos. Basta dizer-lhe que o percurso do «Grande

HIPISMO

O capitão CORREIA BARRENTO

fala à Stadium
dos Concursos Hípicos
disputados em Madrid e Lisboa

Prémio de Madrid» foi feito na média de 2 m. 50 s., quando o nosso não vai além de 1 m. 50 s.

E continuando:

— Os espanhóis aproveitam assim o bom



Correia Barrento ao ser entrevistado pelo nosso redactor

galope dos seus cavalos, o que lhes dá grande vantagem em tempo.

— E os nossos, capitão, não os podem acompanhar?

— É sempre difícil, porque o nosso treino é

diferente. Os nossos cavalos estão mais preparados para saltos e menos para velocidades. É esta uma das dificuldades que nos proporciona o «Concurso de Madrid». Ainda este ano obtivemos, no decorrer das provas, inúmeros percursos sem faltas, batidos apenas em tempo...

— É, de facto, tecnicamente diferente — atalhamos.

— Mas há mais. Enquanto nós dividimos o percurso em pistas com dois e três obstáculos, em Espanha o percurso obriga a constantes mudanças de direcção.

— E os obstáculos — são mais altos ou mais baixos?

— De maneira geral, mais baixos. No «Grande Prémio de Madrid» havia um único salto de 1,50 e fácil de transpôr.

— Então o conjunto das nossas provas é mais difícil?

— Tem um número relativamente grande de saltos, mais juntos e mais altos, com duplos e triplos, que apresentam dificuldade grande para os concorrentes espanhóis.

— Qual a sua opinião sobre as classificações obtidas pelos espanhóis em Lisboa?

— A equipa espanhola foi infeliz e as classificações não correspondem ao valor dos seus cavaleiros, nem ao das suas montadas.

E a vincar bem a sua opinião, o capitão Barrento prossegue:

— Ficou logo de início em condições deficientes, devido ao facto de «Egalité» se encontrar impossibilitada, em consequência de uma queda no último dia de provas em Madrid, e à doença de «Lequítico». O comandante Somalo, com uma rutura muscular, e o capitão Kirpatrik, seriamente magoado na queda da «Gracieuse», na «Taça de Ouro», desfalcaram a equipa.

Depois, sabe, — continua o nosso entrevistado — os nervos apressam-se dos outros membros da equipa, que vêm as provas a desaparecer e as primeiras classificações a faltarem... Um concursista tem de contar com o domínio dos seus nervos, que desempenham sempre papel importante!

A curiosidade do jornalista choca com a delicadeza e a boa vontade do entrevistado. As perguntas saem-nos sem a preocupação de conduzir a conversa para o que mais interessa saber.

— Que nos diz dos seus novos cavalos?

— São bons. Apesar de muito novos e de não estarem ainda «metidos», já classifiquei ambos neste Concurso, o primeiro em que entram... «Zézere» é um cavalo de grande classe e o «Sagres» também muito bom. Se este ano houver, como se espera, uns seis ou sete Concursos, para a próxima época estarão, qualquer deles, absolutamente bons — se tudo correr como calculo e não aparecerem surpresas, que não são prováveis, mas são susceptíveis...

— E os antigos? — insistimos.

— O «Raso» é muito bom cavalo. Foi o animal mais premiado em 1942 e 1943, o que, só por si, diz tudo. O «Adal», que caiu em Espanha, está abalado e vai a caminho dos 16 anos...

O capitão Correia Barrento tinha de ir verificar o percurso do «Grande Prémio», que ia disputar-se pouco depois.

(Continúa na pág. seguinte)

FEITO em geral um fôgo de responsabilidade, ou concluído mais um campeonato, esquecem-se os esforços das pessoas ou entidades que contribuíram para o êxito da iniciativa. E pois digna de referência a atitude assumida agora pela Comissão Central dos Árbitros de Handball, por ter votado um agradecimento aos árbitros que cooperaram no campeonato nacional da modalidade — António de Magalhães, David Nunes Vieira, Henrique Feist e Carlos da Silva Lancelito.

Os árbitros de «handball» não foram esquecidos — e houve quem soubesse agradecer a sua colaboração. Estão, pois, de parabéns.

NOTAS & COMENTÁRIOS

DO nosso colega «Diário de Notícias» recordamos, com a devida vénia, os seguintes períodos de uma notícia:

«A Câmara Municipal de Lisboa projecta construir uma piscina popular em Alfama, no largo do Chafariz de Dentro. Com a criação desta piscina, serão aproveitadas as antigas águas orientais que noutros tempos abasteciam aquêle chafariz e o de El-Rei, e que hoje correm para o mar, por não ser o caudal necessário ao abastecimento da cidade.

«O pequeno mas movimentado balneário existente em Alfama será, certamente, integrado na piscina, que se denominará «Piscina da Praia», por ser conhecido com este nome, na remota tradição do sítio, o lugar onde está colocado ali o depósito de águas da praia e onde será construído aquêle esplêndido melhoramento.

Comeará a ser resolvido desta vez o problema da construção de piscinas dentro da cidade?

POR motivos alheios à boa vontade dos respectivos organismos federativos, só agora foi aberta a época oficial da nataçao em Lisboa. A temporada vai, pois, em atraso — numa altura em que a nataçao seria um dos desportos mais oportunos. Os desportos náuticos são para o verão!

PARA este número reservamos o registo de uma série de agradecimentos que muito nos melhoram, pelos termos afectuosos em que vem redigidos — um agradecimento do Sport Algés e Dafundo, à «Stadium» e ao nosso prezado colaborador Abreu Torres, pelas referências ao aniversário do Algés; do Ateneu Comercial de Lisboa, pelo relevo dado ao sarau de 1.º do mês corrente; e do Carnide Clube, pelo relevo que demos também à recepção dispensada à sua equipa de «basket». A todos, muito obrigado pela gentileza.

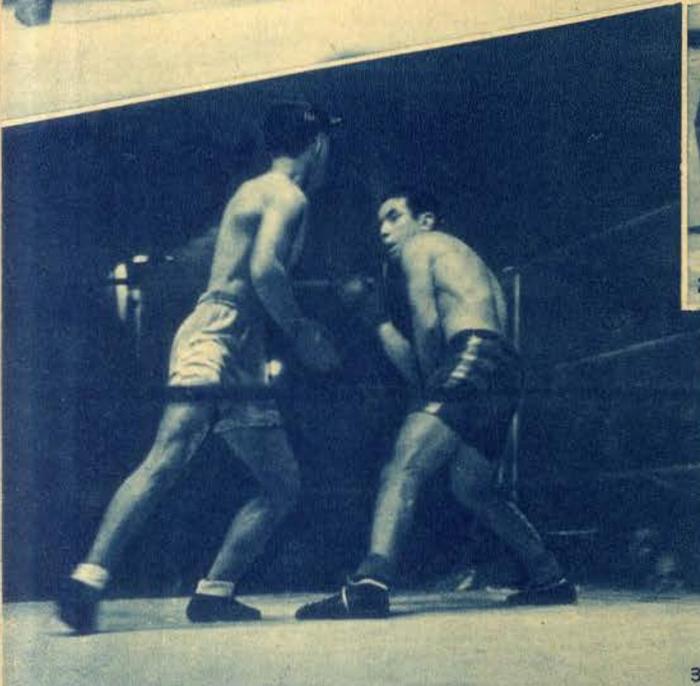
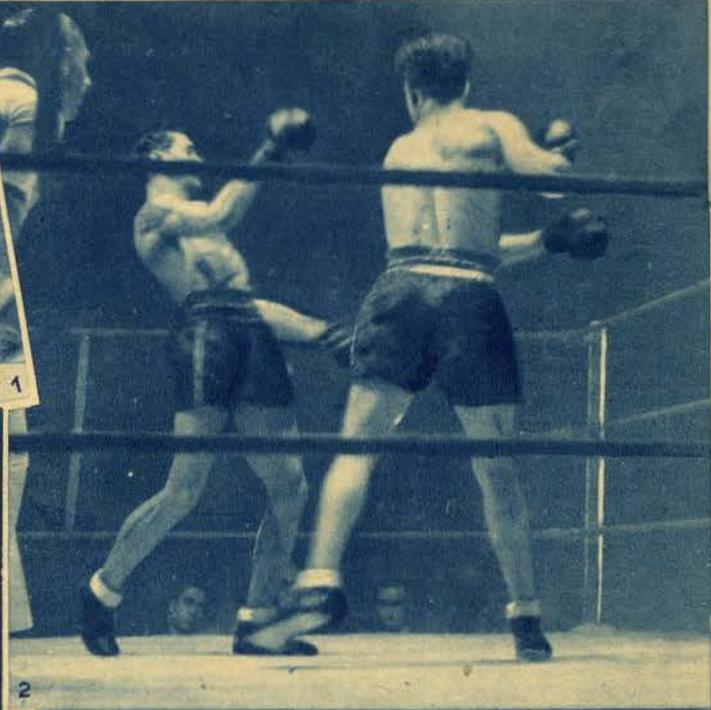
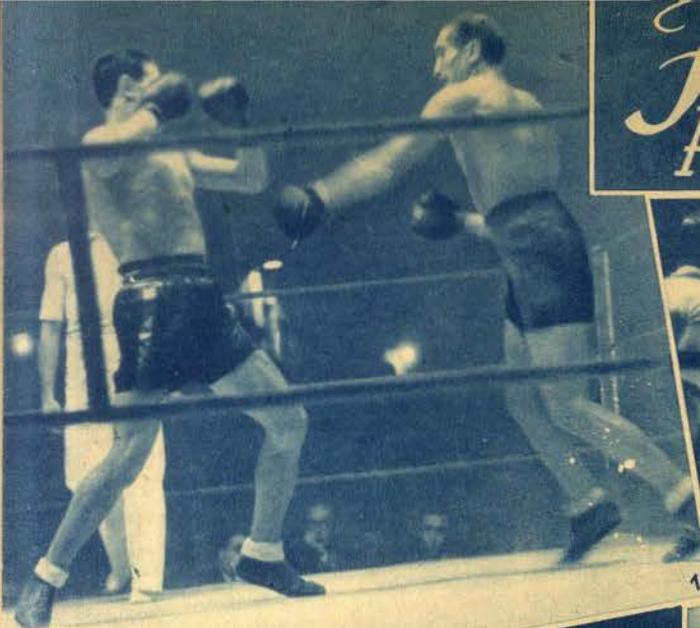
HA clubes modestos que trabalham com entusiasmo. Figura neste número «Os Galitos da Foz», com sede na Foz do Douro, perto do Porto. Para esta época tem em projecto as seguintes provas de nataçao: 6 de Agosto, «Meia Milha»; em 23 do mesmo mês, a «Milha do Mar»; e em 3 de Setembro, «Leixões-Douro», corrida de grande fundo. De quinze em quinze dias — uma prova. É uma cadência admirável, bom sintoma de trabalho.

OS campeonatos oficiais da Curia têm fama entre nós. São dos melhores — e dos mais animados, em homens e senhoras. A linda instância termal que é a Curia movimentam-se durante alguns dias. Os deste ano, organizados pelo Curia Palace Sports Club, sob o patrocínio do «Primeiro de Janeiro», nosso prezado colega portuense, estão marcados para o período compreendido entre 3 e 6 de Agosto próximo futuro.

COM o desporto liga-se bem qualquer função cultural. O Clube Fluvial Vilacondense, integrado nesta orientação, acaba de inaugurar, na sua sede, uma Biblioteca e Sala de Jogos, a que deu o nome de José Régio, um dos melhores poetas portugueses contemporâneos. A festa decorreu com elevação e honrou tanto o Fluvial de Vila do Conde, como o próprio poeta. O desporto e a poesia andaram associados — numa excelente jornada de propaganda.

A Federação Portuguesa de Futebol esclareceu, em circular recente, quais são os clubes que, nos termos das instruções dimanadas da Direcção Geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar, podem ter voto para eleger os corpos gerentes das associações regionais de cada modalidade desportiva. Só têm direito a voto os clubes que na época precedente, à data das eleições, tenham tomado parte em provas oficiais da respectiva modalidade.

A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



As nossas reportagens e tricromias

O êxito registado pela publicação que estamos a fazer das reportagens sobre os clubes que concorreram ao campeonato nacional de futebol e à «Taça de Portugal» — excede dia a dia todas as expectativas. As primeiras daquelas reportagens — Sporting e Benfica — esgotaram as tiragens reforçadas que fizemos.

Hoje, como anunciamos, publicamos a do **CLUBE DE FUTEBOL «OS BELENENSES»**, acompanhada do cupão para recortar e cuja série completa dá direito à capa que oferecemos para encadernar esta curiosa colecção.

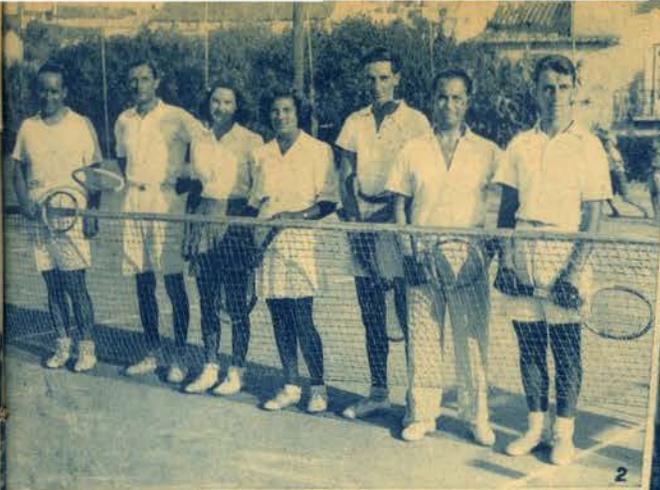
No próximo número:

FUTEBOL CLUBE DO PORTO.



BOXING — Na passada sexta-feira efectuou-se no Parque Mayer mais uma sessão de «boxing», a que fazemos referência noutro lugar. As gravuras: 1 e 2 — Fases do combate entre Sousa e Figuelredo; 3 — Aspecto da luta Licínio - Mateus. **HOCKEY EM CAMPO** — Está a disputar-se a «Taça de Portugal». No Campo Grande revestiu-se de interesse o jogo entre o Benfica e o Ramaldense, do qual publicamos duas curiosas fases (4 e 5).





2



3



5



4



6

NOVO INSPECTOR DOS DESPORTOS: 1 — O momento da posse do dr. Salazar Carreira, nosso distinto camarada de redacção, do seu cargo de Inspector dos Desportos, conferida pelo sr. Director Geral. **TENIS:** 2 — Os finalistas do campeonato regional de 3.ª categoria. **DESPORTO NO EXERCITO:** — As provas entre sargentos, nos campeonatos militares: 3 — As equipas de Sapadores C. Ferro (de pé) e Art. Costa, vencedora e 2.ª classificada do torneio de «handball»; 4 — As representações de Metralhadoras 1 (de pé) e E. P. Infanteria, classificadas pela mesma ordem no torneio de «volleyball». **NO CLUBE NAUTICO «MARE NOSTRUM»:** 5 — Os concorrentes às regatas de barcos de «pequeno cruzeiro», «Borjas» e «M. N.», efectuadas no domingo. **JUSTA HOMENAGEM:** 6 — Os convivas ao banquete oferecido a Mestre Ermelindo Santos. **NO PORTO** — Encerramento das classes do Sport: 7 — Um dos filhos de Armando Schopp recebe o prémio de assiduidade; 8 — O categorizado atleta Cândido Nicola recebe igualmente os seus prémios.



8



7

Chaves de todos os modelos



Perde-as? Partiram-se? Roubaram-lhas? — mande fazer outras na **CASA DAS CHAVES**

de Amadeu Gomes da Fonseca R. da Mouraria, 3 (Frente ao Cinema) Tel. 26050

NATAÇÃO

O Algés ganhou a «Taça Silva Marques»

O Estoril-Praia conquistou o troféu «Mário Simas»

A natação está de parabéns. Pela primeira vez, depois de trinta e oito anos de competição — visto que a primeira prova realizada no nosso país data de 1906 — um diploma oficial, emanado das instâncias superiores, vem regulamentá-la, dirigi-la e orientá-la, justamente naqueles pontos em que a bela modalidade — útil e salutar por excelência — mais precisa de ser regulamentada e orientada.

Conforme é já do conhecimento público, a Direcção Geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar acaba de estabelecer as novas categorias de nadadores, fixando-lhes, de acordo com as respectivas idades, as distâncias máximas que podem percorrer em provas de competição, encarando e resolvendo em bases sérias o magno problema da assistência médico-desportiva.

E foi assim, em novos moldes, que tivemos no domingo a primeira organização oficial da temporada, com a quarta edição das provas «Mário Simas» e «Silva Marques» — das mais interessantes iniciativas da F. P. N. — em ambiente de justificada expectativa, que teve a solenizá-lo a presença do inspector geral dos desportos, sr. Ayala Botto.

E para *lever le rideau* da temporada oficial de 1944, não se podia, de facto, exigir mais. Qualquer das quinze provas que compunham o programa teve fases de interesse, o conjunto dos «tempos» atingiu uma craveira apreciável, e houve mesmo momentos de grande beleza desportiva.

Para isso contribuiu, sobretudo, o brio de alguns nadadores, e a rivalidade Algés-Estoril Praia — rivalidade essa que, bem compreendida e desportivamente bem encaminhada, poderá trazer belos benefícios à causa da natação.

E vejamos agora as provas divididas pelas respectivas categorias, começando pela de iniciados.

Sempre em «mariposa», José Rodrigues Alves (S. A. D.), triunfou nos 33 metros-bruços, em 25 s. ²/₁₀. Nuno Salvação Barreto (E. P.) — melhor em relação à época passada — ganhou os 33 metros-costas em 23 s. Magnífica, sob todos os pontos de vista, a prova de 33 metros-livres, pela luta travada entre os quatro primeiros e pelo «tempo» obtido pelo vencedor — o esperançoso Patrone (S. A. D.): 18 s. ¹/₁₀.

Percorrendo os 63 metros-bruços, para principiantes, em «mariposa» de princípio a fim, Carlos Nobre Borges (S. A. D.), terminou destacado, em 53 s.

Nos 63 metros-costas, Artur Mendes Silva (E. P.), que impressiona, sobretudo, pela facilidade com que nada, triunfou, à vontade — para mais correndo numa série sem adversários à sua altura — em 51 s. ¹/₁₀.

Foi uma bela vitória a de Artur Malheiro da Silva (S. A. D.), em 44 s., nos 63 metros-livres, para a mesma categoria, conseguida perto da meta, sobre Fernando Cisneiros (E. P.), 45 s. ²/₁₀.

Para os júniores, três provas de 100 metros, uma em cada «estilo». Em «bruços», Agostinho Pessoa Duarte (S. A. D.), não teve dificuldade em vencer, creditando-se em 1 m. 26 s. Atrás dele, porém, Adriano Rodrigues e Carlos Azevedo Júlio lutaram denodadamente pelo segundo posto. Os próprios «tempos» respectivos o indicam: 1. 31 s. ²/₁₀ e 1 m. 32 s. ²/₁₀.

Nadando em «souplesse» e recuperando bem o atrazo inicial, Mário Santarém Alves (E. P.), triunfou nos 100 metros-costas, em 1 m. 28 s. ³/₁₀. Carlos Matias (S. A. D.), porém, não ficou longe: 1 m. 29 s. ³/₁₀.

Creditando-se no melhor «tempo» da sua carreira, o «leão» Fernando de Sousa fez mais do que aquilo que dele, lógicamente, se poderia esperar, cobrindo os 100 metros-livres em 1 m. 9 s. ⁴/₁₀. Embora com o movimento de braços defeituoso, mas enérgico, Fernando de Sousa conseguiu um bom triunfo — e um bom tempo.

DESSPORTOS DO «STICK»

A «Taça de Portugal» irá para o Pôrto? E o Paço de Arcos será novamente campeão de Lisboa?

Comentários de Jorge Monteiro

DUAS perguntas importa fazer, antes de começarem estas simples comentários: — *irá, este ano, a «Taça de Portugal» (prémio maior do torneio de «hockey» em campo), parar a um clube do Pôrto? E o Paço de Arcos H. C. averbará, no seu activo e historial, novo título de campeão? As respostas, pelo rumo que as coisas estão tomando, não parecem realmente fáceis. Dir-nos-ão que, por enquanto, tudo é prematuro e ilusório: mas a verdade é que o Ramaldense tem grandes possibilidades de vir a suceder ao Futebol Benfica, no título de campeão nacional de «hockey» em campo, e o Paço de Arcos pode sossegar quanto ao campeonato de Lisboa de «hockey» em patins.*

Os clubes de Lisboa — na «Taça de Portugal» — fizeram guerra sem quartel um ao outro; e dessa luta beneficiou inevitavelmente o Pôrto! E que o Benfica, mesmo com menores probabilidades, não deixou de «contrariar» a vitória da capital, dando todos os triunfos aos portuenses; divémos mais adiante porque. E ao Paço de Arcos, sem dúvida nenhuma a equipa mais «abalizada» no País, em «hockey» em patins, não deve já fugir novo campeonato na modalidade: até, tendo em atenção a luta que vão travar, entre si e especialmente com vista ao segundo lugar, a Académica da Amadora, o Benfica, o Futebol Benfica e o Hockey de Sintra; mas o Paço de Arcos, esse, deve estar «de pedra e cal».

Vimos com agrado os jogos da «Taça de Portugal»: e o Ramaldense, com firmeza de vontade feita de sacrifício, esse, então, justificou plenamente a opinião que dele tínhamos; quanto ao Boavista — incomparavelmente inferior na qualidade do jogo e até na composição dos seus atletas em campo: maus representantes de uma colectividade de mui nobres tradições desportivas. Nos dois desafios, o Boavista esteve «aspérrimo»: especialmente no último, talvez consequência da hostilidade de certo sector de assistência.

O que se passou, domingo, no Campo Grande, não tem classificação nem sequer merece comentário: em Benfica, no dia anterior, o ambiente fora bem melhor e mais propício aos dois clubes de Lisboa. A complacência dos árbitros e a «teimosia» de Feliciano Teixeira permitiram largas aos jogadores, a tal ponto que em determinada altura não se fazia desporto, mas sim uma verdadeira «caça»... Dos dois lados — queremos dizer, dos «teams» em campo — e de todos os partidos! Houve natural enervamento e um cortejo de disparates e de tristezas a que é preciso pôr cobro — para prestígio da modalidade. No desafio seguinte, a réplica foi pronta: aparte os entusiastas do Benfica, ninguém ma's clamou pelo clube de Lisboa... E o Benfica empatou! Logo: vantagem do Ramaldense, correctíssimo e justamente favorito da competição. Que, a

De entre os seniores, há que destacar dois — ambos especialistas de «bruços», ambos da «velha-guarda» — Silva Marques e Sacadura. Manda a justiça que se lhes faça uma «chamada» especial. Silva Marques, pela sua vitória nos 200 metros-bruços, em 3 m. 12 s. ²/₁₀, com três treinos apenas. Que fará ainda Silva Marques?... Fernando Sacadura, pela maneira como «aguentou» o avanço com que partiu na estafeta mista de bruços, dando a vitória ao seu clube.

Mário Simas não teve necessidade de empregar-se. Principiou à vontade, nos 200 metros livres e de «costas», Júlio Mendes da Silva, normalmente, vale mais do que mostrou.

Feitas as contas o Algés ganhara a taça «Silva Marques». O Estoril triunfara na taça «Mário Simas».

Desportivamente a época começou bem.

ABREU TORRES

bem dizer, agrada sobretudo que o título vá para o Pôrto: sempre é um derivativo e constitui até motivo para estímulo.

A classificação ficou sendo a seguinte:

	J.	V.	E.	D.	«Goals»	P.
Ramaldense	5	2	2	1	4-4	11
Benfica	5	2	2	1	3-3	11
Futebol Benfica	5	2	1	9	5-3	10
Boavista	5	1	1	3	5-7	8

Em síntese: o Ramaldense recebe o Boavista, enquanto o Benfica visita o Futebol Benfica; e isto quer dizer muito! Quem vencerá o «rush»? Que triunfa o melhor — eis o nosso voto. Mas o Ramaldense tem, no papel, como costuma dizer-se, tódas as vantagens... A menos, claro, que o Boavista ganhe ou empate e que ao Benfica suceda o mesmo. E se tivéssemos um desempate?... Era, realmente, a solução ideal.

No campeonato lisbonense de «hockey» em patins, o Paço de Arcos tem, igualmente, as maiores possibilidades de triunfar. Veja-se a situação dos clubes no terminar da primeira volta:

	J.	V.	E.	D.	«Goals»	P.
Paço de Arcos	7	6	1	—	60-15	20
Académica	7	5	—	2	29-21	17
Benfica	7	4	1	2	23-14	16
Futebol Benfica	7	4	—	3	28-27	15
Hockey de Sintra	7	3	2	2	49-21	15
Ateneu	7	2	1	3	26-31	12
Campo de Ourique	7	1	1	5	12-35	10
Tabacos	7	—	—	7	8-71	7

E nas categorias inferiores — em 2.^{as} vai o Futebol Benfica à frente, com 19 pontos e 48-18 (a seguir: Paço de Arcos, 18 pontos, e Académica, 16) e em 3.^{as} é «leader» o Ateneu Comercial.

Interessante, francamente, se se verificasse mudança de titulares: mas na categoria principal, quanto mais não fosse como derivativo e incentivo. não nos parece viável tal solução; isto, porque o Paço de Arcos está no bom caminho... Importa conhecer agora quem será o «segundo» — se há mira no campeonato nacional, aqui reside o interesse da luta a seguir, principalmente pela rivalidade Lisboa — arredores. Mas como a segunda volta começou já — coincidindo com o campeonato da Divisão — aguardemos o resultado: um pouco mais de paciência (o tempo é o grande curandeiro de tódas estas «doenças») e então ver-se-ão os resultados positivos da competição.

Ouvindo CORREIA BARRENTO

(Continuação da pág. 11)

— Uma última pergunta, capitão: Diga aos leitores da *Stadium* qual o prémio que mais o emocionou?

Correia Barrento hesita. Êles são tantos e tão valerosos... Mas a resposta rompe decidida:

— A vitória mais emocionante talvez fosse a do «Percurso de Caça» do ano passado, em Lisboa.

«Tinha de tentar tudo para que a bandeira espanhola descesse do mastro de honra... O cavalo — o «Magu» — era pouco veloz e o tempo conseguido pela «Egalité» bastante difícil de bater. Poupei o terreno o mais que pude, virando quasi que sobre as bandeirolas e entrando a certos obstáculos «de caras», aproveitando ao máximo as possibilidades do cavalo. Quando acabei a prova experimentei uma das mais agradáveis sensações da minha vida de concursista. O «Percurso de Caça» estava ganho pelos portugueses!...

Agradecemos ao capitão Correia Barrento a sua amabilidade e vimos-lo partir despreocupadamente, como bom desportista, para estudar o percurso que dentro de momentos iria cobrir no «Raso», disposto a não interromper a lista dos seus triunfos...

ANTAS TEIXEIRA

Como decorreu a sessão de sexta-feira

A sessão nocturna do Estádio Mayer, realizada na última sexta-feira, foi, principalmente, um êxito de bilheteira, que confirmou a atracção dos espectáculos de pugilismo sobre a imaginação popular.

O programa, nem era fascinante nem extraordinário. Compreendia, é certo, a desforra do encontro Augusto de Sousa — António de Figueiredo, por uma decisão descuidada que, no mesmo local, levantara celeuma, deixando em aberto e sem liquidar a supremacia de um sobre o outro.

O combate de Licínio Passos contra António Mateus, ainda que Licínio possua o título nacional dos pesos meio-leves, não prometia, também, tornar-se sensacional e excitante, pois esperava-se que Mateus resistisse menos capzamente do que, depois, fez.

Sob o aspecto propriamente desportivo foi, decerto, o combate Figueiredo-Sousa o mais notável e atraente.

Sousa (66,200 kg), com muito mais prática, principiou disposto a abrir brecha nos sobre-olhos do antagonista e «controu-o» eficazmente no 1.º assalto, por duas vezes. No imediato, a arcada supraciliar de Figueiredo (66,80 kg) rasgou-se e sangrou com abundância, pelo que as probabilidades inclinaram-se mais a favor de Sousa, que explorou o incidente.

O 3.º e 4.º assalto foram relativamente iguais, ainda que Figueiredo tivesse reagido corajosamente e tocado na cara de Sousa com «directos» certos.

Até aqui, a luta conservava-se indecisa. No 5.º assalto, porém, Sousa aplicou um golpe de direita, em «contra», na ponta do queixo e pôs imediatamente em estado de atordoamento (*groggy*) o antagonista. Se não falhasse a

Augusto de Sousa a precisa calma, estamos certos de que teria ganho por K-O neste assalto. Foi, contudo, cometendo uma flagrante irregularidade (empurrão-rasteira) que lançou Figueiredo ao solo e que, em seguida, prosseguiu na sua acção combativa empregando o antebraço, o lado da luva que contém atacadores, etc. O 6.º assalto foi, sob o olhar do árbitro, um manancial demasiado rico de irregularidades, muito surrateiras, de quem tem longa prática da profissão. O domínio de Sousa acentuou-se nos 7.º e 8.º assaltos, ambos monótonos e preenchidos por «corpos-a-corpos» repetidos.

No 9.º *round*, a carajosa resistência de Figueiredo mantinha-se viva mas pouco segura. Outro golpe à cabeça, bem aplicado, atordoou-o e reduziu-lhe grandemente a eficácia dos golpes.

No 10.º assalto Sousa conseguiu, uma vez mais, «contrar» o antagonista e atirá-lo com violência ao solo. Valentemente, Figueiredo ergueu-se a tempo — mas não tinha já condições para resistir e fez sinal de abandonar a luta, o que o árbitro aceitou muito oportunamente.

Dos restantes combates, salientaram-se o de Licínio Passos contra Mateus e Filipe Rebordão com Pedro Quintino.

Licínio Passos (57,200 kg) agradou-nos menos do que pela última vez. Abusou dos saltinhos e pulinhos, tão extravagantes, no *ring*, como desnecessários. Empregando, de vez em quando, a mão direita, foi duro e oportuno a socar. Ganhou à vontade, ainda que Mateus (60 kg) tenha reagido com bastante vigor em algumas ocasiões. Julgamos que, normalmente, o lisboeta não agüente 10 assaltos ao

pugilista do norte, apesar da sua resistência e vontade combativa.

Quando ao choque de Rebordão (62 kg) com Quintino, houve «muita lenha quebrada», como dizem os nossos vizinhos espanhóis. Mas chadada daqui e de acolá, a ver qual dos dois maior massa deixa no contrário, com Rebordão no lado da maior, eis a síntese do encontro.

Os combates de abertura, a que por absoluta impossibilidade não assistimos, terminaram com as vitórias de António Costa (56 kg) sobre Lino Domingos (59,400), em 4 assaltos, e de Jack Freitas (61,400 kg) sobre Joaquim Zulmuro (59,50 kg), em 6 assaltos.

NÃO VÊR, NÃO IMPEDE QUE SE FAÇA GIMNÁSTICA!

(Conclusão da pág. 4)

Nos primeiros tempos de aprendizagem, as coisas não decorrem evidentemente com tamanha simplicidade; mas a experiência tem demonstrado que a frequência das aulas de ginmástica dá em pouco tempo grande confiança às pequenas, cuja atitude firme e marcha decidida fizessem ser os olhos lhes recebessem a imagem do mundo que as cerca!

Durante a lição, nenhuma se engana, todas começam e acabam a tempo, obedecendo prontamente às indicações da professora — conjunto melhor e mais fácil de guiar do que uma classe de crianças normais — porque aquelas, encerradas no seu mundo interior, nada as distrai nem desvia da ocupação a que se entregam.

Eis aqui uma sova e benéfica influência educativa da ginmástica com a qual nos devemos congratular porque simbolicamente um raio de sol em noite caliginosa. Só o compreende quem for de apreciar a satisfação das ceguinhas, sorriso orgulhoso a pairar nos lábios (como quem dissesse: «Nós também somos capazes de fazer isto!»), decisão confiante nos movimentos e nas deslocções, espantosa para nós, os que vemos e, fechando os olhos, hesitamos dar um passo e nos perdemos de seguida no sentido de orientação.

Não vêr, não impede que se faça ginmástica. E a ginmástica, que a toda a gente trás benefícios, leva aos que não vêm preciosa parcela de felicidade, dando-lhes a sensação de capacidade activa, de segurança e de iniciativa.

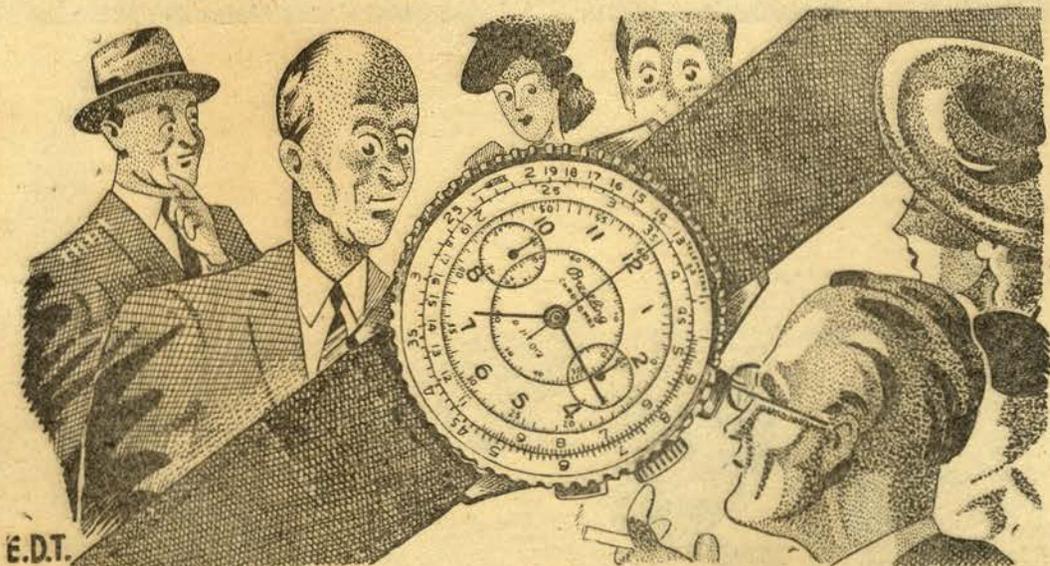
Bem hajam os que deram realidade a esta ideia.

SALAZAR CARREIRA

Breitling

CHRONOMAT

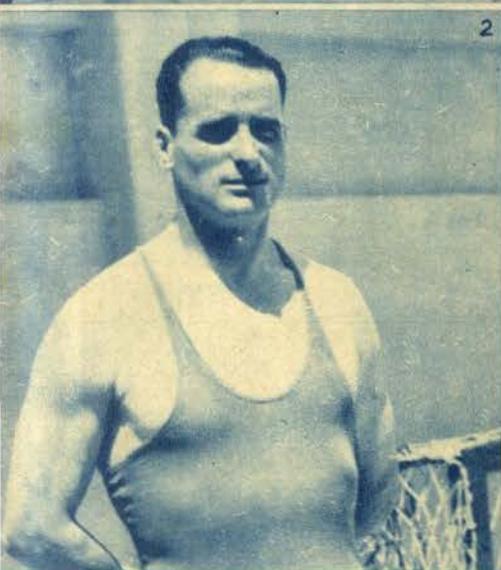
ASSOMBRA O MUNDO INTEIRO



NATAÇÃO — A Disputa das Taças “MÁRIO SIMAS” e “SILVA MARQUES”

ASPECTOS DO TORNEIO: 1 — O grupo dos concorrentes; 2 — João da Silva Marques, vencedor, uma vez mais, dos 200 metros bruços; 3 — Os nadadores que conquistaram os três primeiros lugares nos 200 metros costas: Da esquerda para a direita — Fernando Leal (3.º), Mira Gomes (2.º) e Mário Simas (1.º).

(Fotos Madeira)



AS ANIMADAS REGATAS DE VELA PROMOVIDAS E ORGANIZADAS PELO NAVAL BARREIRENSE

Curioso aspecto oferecido pelo Tejo numa das fases das regatas efectuadas no domingo e através das quais o simpático Naval Barretrense teve nova e vibrante jornada de actividade em prol do belo desporto da vela.



Stadium